

Memorial

MBPG

Mundial de Basquete
Feminino-Brasil

julho e agosto de **1983**



Campeonato Mundial de Basquete Feminino de 1983

Revista oficial da Confederação Brasileira de Basketball sobre o IX Campeonato Mundial Feminino de Basquetebol que foi desenvolvido em duas etapas. A primeira, de 24 à 26 de julho, reuniu 12 seleções em três cidades - Rio de Janeiro, Brasília e Porto Alegre, e classificou seis equipes para as finais, em São Paulo, onde encontram também o Brasil, país sede, e os Estados Unidos, último campeão. Simultaneamente, em São Bernardo do Campo, as equipes desclassificadas da primeira fase disputaram do nono ao décimo quarto lugares, no chamado "Torneio de Consolação".

O Memorial de Basquetebol de Ponta Grossa - MBPG, tem como um dos seus objetivos, o resgate de documentos e registros das importantes conquistas do basquetebol masculino e feminino do município, estado do Paraná, e também, do Brasil. Com esta ação, se espera sensibilizar e educar pessoas e instituições, no sentido de preservarem a história do basquete que revelou grandes atletas nacionais e internacionais.

Apoio institucional



Campeão União Soviética

Técnica principal- Krynin Viecheslav **Assistente técnica**
Vadim Kopránov- **Atletas-** Ramune Shidlauskaite-Olga
Korosteleva-Olesia Barel-Tatiana Beloshalke- Olga
Buriatina-Nadjesda Okhova- Uliana Semenova-Ludmila
Muravieva-Elena Chaussova- Olga Sukharnova- Vida
Besselene-Galina Savitskaia

Vice-Campeão Estados Unidos da América

Técnica- Pat Head-Summit **Assistente técnica-** Fran
Garmon- **Atletas-** Patty Jo Hedges-Cheryl Cook-
Lynette Woodard-Anne Donovan-Lataunya Pollard-
Cheryl Miller- Janice Lawrence-Cindy Noble-Kim
Mulkey-Denise Curry-Pan Mc Gee- Lisa Ingram

Tereiro Lugar- China

Técnico- Yan Boy Ong – **Assistente técnico** Yan Boy Ong
Atletas- Shen Yuefang-Ba Yan-Liu Min-Song Xiabo (capitã)-
Qiu Chen-You Shumin- Xiu Iijuan-Zheng Haixa-Xian Liging-
Zhang Hui-Liu-Qing-Zhang Yueqin

Quarto lugar- Coréia do Sul

Técnico- Lin, Young-Bo– **Assistente técnico-** Cho-Seung-Yon
Atletas- Choi, Al-Young Park, Yang-Gae, Le, Mi-Ja- Woo
Eun-Kyung-Kwon Nyung-Hee, Bang- Sin-Sil- Cha Yang-Sook-
Kim, Kwa-Soon- Gong Hyun-Jan- Kim Young Hee- Noon
Kyung Ja- Park Chan Sook



IX Campeonato Mundial Feminino de Basquetebol



Pernambucanas de roupa nova.



Diferente, moderna e cheia de bossas.

Conheça a Casas Pernambucanas mais moderna, diferente e cheia de bossas que você já viu. Conheça a nova Casas Pernambucanas da Teodoro Sampaio, 2160 - Pinheiros. Você vai ver como tudo mudou: junto com todos os artigos tradicionais das Casas Pernambucanas, você vai encontrar centenas de outras atrações como artigos esportivos, calçados, jeans, jaquetas, camisas e tudo o que você vê nas melhores boutiques. Sem esquecer das completas seções de cama, mesa e banho, tecidos e confecções.

Venha ver com os próprios olhos a nova Casas Pernambucanas da Teodoro Sampaio.

As únicas coisas que não mudaram foram a qualidade dos artigos e os preços baixos que sempre serão tradicionais nas Casas Pernambucanas.

**CASAS
PERNAMBUCANAS**

**20% DE
DESCONTO**

Apresente esse cupon e ganhe 20% de desconto nas compras de confecções, tecidos e artigos de cama, mesa e banho.

Promoção válida em todas as filiais da capital de S. Paulo até 30/09/83

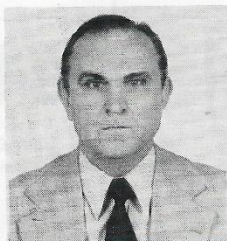
R. Teodoro Sampaio, 2160 Pinheiros

Estacionamento próprio

**CASAS
PERNAMBUCANAS**

C. B. B

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL



É motivo de grande alegria para nós, brasileiros, recebermos irmãos desportistas de todos os continentes, participantes do IX CAMPEONATO MUNDIAL FEMININO.

Saudamos calorosamente as Delegações visitantes a quem auguramos feliz estada, desejando-lhes que se sintam, entre nós, como se estivessem em seus próprios países.

Que os jogos sirvam ao ideal do Esporte e incrementem o bom relacionamento e a amizade entre os povos são os votos da Confederação Brasileira de Basketball.

Carlos Dias
Presidente

Quem conhece a árdua luta do esporte amador brasileiro pode imaginar o quanto não é fácil para qualquer entidade esportiva do país organizar um campeonato mundial ou promoção de âmbito e importância equivalentes. Fundamentalmente por isso - devendo-se ainda considerar uma série enorme de outros motivos - a realização do IX Campeonato Mundial Feminino de Basquetebol, no Brasil, deve ser vista, antes de tudo, como uma vitória da CBB - Confederação Brasileira de Basketball. Aliás, sua terceira grande vitória.

Em 1957, quando a estrutura de todo o esporte brasileiro era bem menos forte, o Brasil aventurou-se a sediar a primeira grande competição de vulto do basquete feminino: a segunda edição do Mundial. Em 1971, animado por uma evolução natural das coisas, a Confederação Brasileira de Basketball cumpriu nova façanha, com o VI Mundial Feminino. Hoje, doze anos depois, o que há de melhor no basquete feminino em todo o mundo volta a concentrar-se no Brasil, em mais uma prova de que arrojo e competência de uma entidade podem vencer críticas e desafiar um possível fracasso.

Três mundiais em um único país. Um fato inédito já consumado e inquestionável. Mas a CBB não parou aí e conquistou um recorde mundial ao realizar, em 1954 e 1963, duas edições do Campeonato Mundial Masculino de Basquetebol.



F.I.B.A.

BORISLAV STANKOVIC
SECRETARIO GERAL



C.B.B.

CARLOS DE OLIVEIRA DIAS
PRESIDENTE

COMISSÃO EXECUTIVA

Fábio de Barros Gomes
Alberto Curi
José Claudio Siqueira dos Reis
Oswaldo Caviglia
Miriam Delamare

**SUBCOMISSÃO DE COORDENAÇÃO
E CONTROLE**

Aldo Narcisi
Enrique Pessoa
Mauricio Cardoso

**COMISSÃO DE ADMINISTRAÇÃO
E FINANÇAS**
CHEFIA - Silvio Ludolf
Paulo dos Anjos
Antonio Marques Rodrigues dos Santos
Sebastião Parisi

COMISSÃO TÉCNICA
CHEFIA - Waldir Pagan Perez
Raimundo Hollanda
Laércio de Arruda Ferreira

COMISSÃO MÉDICA
Dr. Rubens L. Rodrigues
Dr. Jacob Ures

**COMISSÃO DE RELAÇÕES
PÚBLICAS**
CHEFIA - Antonio Carlos de A Ramalho
Joel do Couto Vale
Gerson Munhos dos Santos
José Octávio S. Simões
Isaac Griman
Luiz Carlos de Barros Ramos

**SUBCOMISSÃO DE FINANÇAS
E BILHETAGEM**
Gelsio Aparecido Diniz
Alair Guimarães de Oliveira

**SUBCOMISSÃO DE REPEÇÃO
E HOSPEDAGEM**
Adilson F. Alonso
Jair Bellucci

**SUBCOMISSÃO DE
TRANSPORTES**
Luiz Augusto de Carvalho

**SUBCOMISSÃO DE
COMUNICAÇÕES**
Silvio Altapini Junior

**SUBCOMISSÃO DE SEGURANÇA
E TRÂNSITO**
Gilberto Chaves Junior

**SUBCOMISSÃO DE COMPETIÇÃO
E TREINAMENTO**
Roberto Bucharelli
Roberto Secco
Thelma de N. P. Guimarães
Gilberto Seraphin

**SUBCOMISSÃO DE CERIMÔNIA
E PREMIAÇÃO**
Norma Pinto de Oliveira
Maria Aparecida C. Guimarães

**SUBCOMISSÃO DE INSTALAÇÕES
DE MATERIAL DESPORTIVO**
Raul Gastão Hecksher
Francisco M.M. de Carvalho
José Alcantara Filho

**SUBCOMISSÃO DE SERVIÇOS
E PROPAGANDA**
Walter de Souza

**SUB-COMISSÃO DE
IMPRENSA**
Lucas Neto
José Goês
Neli Coutinho

**BEM VINDA
SELEÇÃO JAPONESA
DE BASQUETE FEMININO**



東芝

TOSHIBA

Em contato com o amanhã

**GRUPO TOSHIBA DO BRASIL
TOSHIBA DO BRASIL S/A**

Fábrica - Rodovia dos Imigrantes - Minas Gerais

Av. Paulista, 807 - 21º andar - Escritório de Venda

SEMP TOSHIBA S/A.

Fábrica Manaus

Avenida João Dias, 2476 - Fabrica Matriz - SP.

TOSHIBA MEDICAL DO BRASIL LTDA.

Av. Indianopolis, 3435 SP.

TOSHIBA MECÂNICA DO BRASIL LTDA.

Rua Pirapórinha, 937 - Fábrica e Escritório - Diadema

TOSHIBA BRASILEIRA REPRESENTAÇÕES LTDA.

Rua Peixoto Gomide, 996 - 1º andar - SP.

TOSHIBA INTERNATIONAL S/C LTDA.

Avenida Almirante Barroso, 63 - s/1308 (R.J.)

A HISTÓRIA SE REPETE 12 ANOS DEPOIS

O palco é o mesmo de 71. A torcida poderá ser ainda mais fantástica. O certo é que o IX Campeonato Mundial Feminino de Basquetebol, o terceiro a ser realizado no Brasil, tem tudo para se tornar um novo e grande sucesso. Mais do que isso, para mostrar a força do nosso esporte.

Maio, 1971. Uma soviética de 2m10 e de nome sonoro - Uliana Semenova - causava espanto nas ruas deste país e desmontava seleções dentro da quadra. Bem mais baixa, uma argentina naturalizada brasileira - Norma Pinto de Oliveira, a Norminha - simbolizava um grupo de 12 jogadoras que, de repente, eram estrelas e ídolos de quase cem milhões de brasileiros. A gostosa sensação de vitória vivida há menos de um ano, nos campos de futebol do México, saía de cada janela numa nova "corrente prá frente". São inesquecíveis aqueles dias que marcaram a realização do VI Campeonato Mundial Feminino de Basquetebol, em São Paulo pela segunda vez organizado no Brasil - a primeira, foi em 1957, no então estado da Guanabara.

Hoje, doze anos depois, a história se repete. A enorme Semenova já está em fim de carreira. Norminha, e todas as companheiras daquele time mais valente do que tudo, já não joga mais. É verdade que não ganhamos nenhuma Copa de futebol em época recente. Mas as emoções estão de volta, com o IX Campeonato Mundial Feminino de Basquetebol, previsto para o período de 24 de julho a 6 de agosto, em quatro capitais brasileiras. Novos ídolos serão criados, com certeza. A seleção brasileira voltará a ter o carinho de todo o povo. Lances inesquecíveis e cestas dramáticas estão por acontecer. Tudo, enfim, nos fará lembrar daquele maio de 71, quando uma soviética de 2m10 e de nome sonoro causava espanto nas ruas deste país.....

REVIVENDO O MUNDIAL DE 71

Divididas em três grupos, doze seleções estrangeiras disputaram a fase de classificação daquele Mundial. Na cidade de Niterói, Argentina, Canadá, Cuba e União Soviética compunham o forte grupo A. Em Brasília, Coréia, Equador, Estados Unidos e França lutavam pelas duas vagas do grupo B. Na distante Recife, as equipes da Austrália, Japão, Madagascar e Checoslováquia se pegavam pelo grupo C. O Brasil "dono da festa", país promotor, aguardava o momento de entrar na quadra, na etapa final.

União Soviética, Cuba, Coréia, França Checoslováquia e Japão conquistaram a classificação em suas respectivas séries e, ao lado da seleção brasileira, continuaram na luta pelo título, jogando em São Paulo, (ginásio do Ibirapuera) de 19 a 29 de maio, pelo sistema "round robin" (todos contra todos"). Enquanto isso, de 21 à 27 de maio, as outras seleções desclassificadas continuavam mostrando seu basquetebol, no chamado "Torneio de Consolação" em São Bernardo do Campo

Foram 21 jogos na fase final. Um mais emocionante do que o outro. Surpreendendo a muita gente - e frustrando eternos pessimistas - nossas meninas iniciaram sua participação com um sofrido 55 a 51 diante da França. Depois, diante da Coréia, sete pontos de vantagem: 70 a 63. E veio o jogo contra o Japão, dia 24 de maio. Perdíamos por 1 ponto e, como por encanto, surgiu Nilza com um arremesso certeiro, a 1 segundo do final da partida. Cesta, vitória brasileira: 77 a 76. Algo que parecia

impossível já tinha acontecido. Como duvidar de tanta raça?

Contra Cuba, dois dias depois da façanha, nova vitória e melhores expectativas: 62 a 59. No dia seguinte, o primeiro golpe: derrota. A Checoslováquia jogou melhor e ganhou por 68 a 59. No dia 29, na última partida do campeonato, só a lógica: União Soviética 82, Brasil 49. Já campeã, (a União Soviética ganhou o título na vitória contra Checoslováquia, 88 a 69) Semenova e Cia. faziam a festa. Tímida, é bem verdade. Nosso 3º lugar (melhor colocação na história do basquete feminino brasileiro) era comemorado com lágrimas, risos, abraços, bandeiras e uma certeza: estava provada a nossa força.

EM 71, UMA FESTA. AQUI, OS JOGOS, A CLASSIFICAÇÃO.....

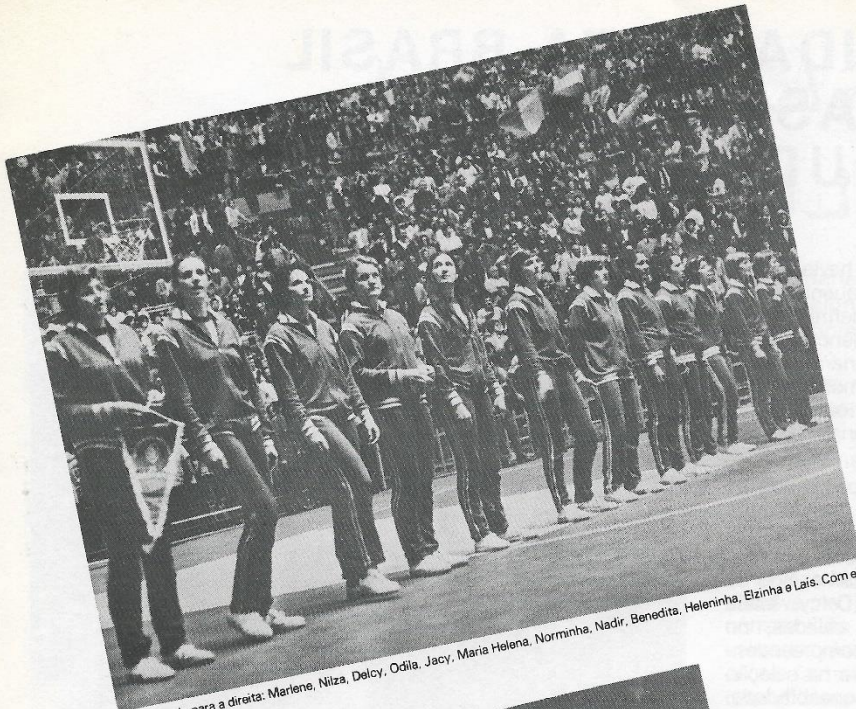
Realizada de 19 a 29 de maio, no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, a fase final do IV Campeonato Mundial Feminino de Basquetebol teve 21 jogos. Aqui, os resultados e a classificação final dos participantes:

Brasil	55 x 51	França	(29 x 25)
Brasil	70 x 63	Coréia	(35 x 35)
Brasil	77 x 76	Japão	(36 x 35)
Brasil	62 x 59	Cuba	(25 x 19)
Checoslováquia	68 x 59	Brasil	(31 x 33)
União Soviética	82 x 49	Brasil	(40 x 26)

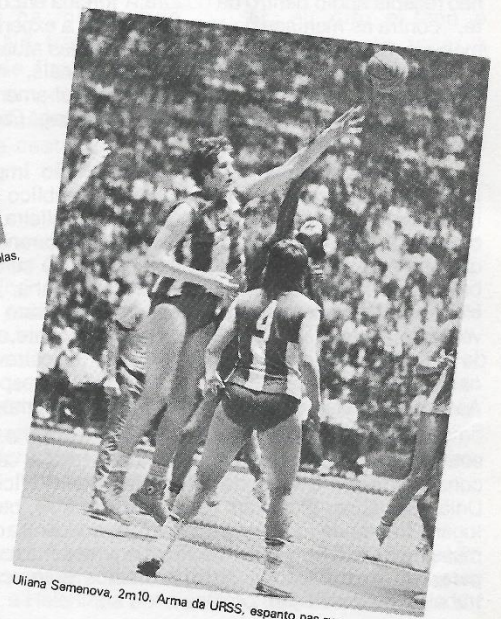
A CLASSIFICAÇÃO FINAL				
País	Vitórias	Derrotas	Pontos Ganhos	Saldo - Cestas
1º) União Soviética	6	0	12	521 - 334
2º) Checoslováquia	4	2	10	418 - 386
3º) Brasil	4	2	10	372 - 399
4º) Coréia	3	3	09	414 - 412
5º) Japão	2	4	08	365 - 419
6º) França	1	5	07	336 - 410
7º) Cuba	1	5	07	349 - 415

TORNEIO DE CONSOLAÇÃO				
8º) Estados Unidos	4	1	09	342 - 283
9º) Austrália	4	1	09	320 - 250
10º) Canadá	3	2	08	363 - 305
11º) Argentina	3	2	08	330 - 323
12º) Equador	1	4	06	311 - 343
13º) Madagascar	0	5	05	248 - 410

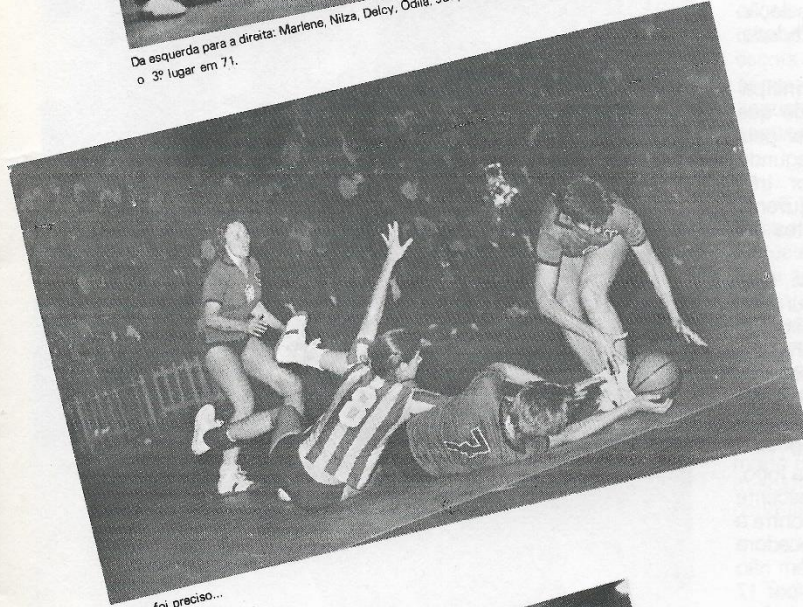




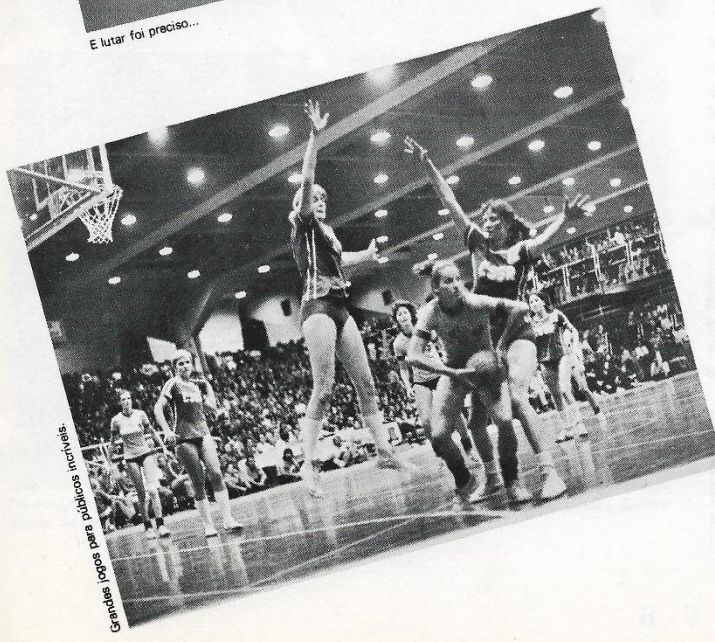
Da esquerda para a direita: Marlene, Nilza, Delcy, Odila, Jacy, Maria Helena, Norminha, Nadir, Benedita, Heleninha, Elzinha e Lais. Com elas, o 3º lugar em 71.



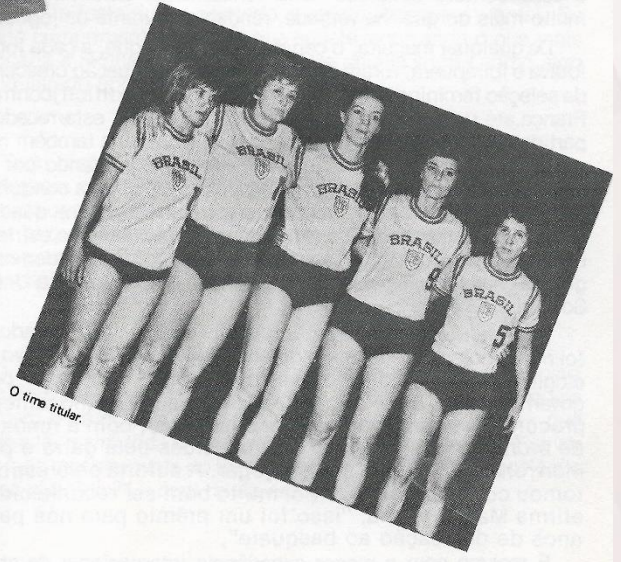
Uliana Semenova, 2m10. Arma da URSS, espanto nas ruas.



E lutar foi preciso...



Grandes jogos para públicos incríveis.



O time titular.

A TORCIDA GRITA BRASIL E AS GAROTAS FICAM MUDAS. DE EMOÇÃO

Até então, a seleção feminina brasileira só havia jogado diante de um público grande, fora do País. Consequentemente, não recebia apoio dentro da quadra. A torcida era, definitivamente, contra as meninas do basquete. Mas, a experiência era das maiores. Seria o terceiro Mundial em que elas atuariam e, além do mais, vinham de conquistas excepcionais, muito embora pouco valorizadas aqui: quatro títulos sul-americanos e um pan-americano (campeãs em 67, em Winnipeg, Canadá; e vices no Pan de 63 em São Paulo).

Toda essa experiência, no entanto, não impediu que as jogadoras ficassem atônitas quando o público que lotou o Ibirapuera, no primeiro jogo de seleção brasileira, na fase final do Campeonato Mundial de 71, iniciou uma corrente de estímulo que, parecia, somente terminaria ao findar o certame. Sob os brados de "Brasil, Brasil, Brasil" Norminha, Delcy, Maria Helena e todas as demais jogadoras ficaram caladas, no vestiário, apenas em aquecimento e, de repente, compreendendo a imensa esperança que o público depositava na seleção nacional. O que era sério, aumentou em responsabilidade. Assim todas elas se sentiram sob uma forte emoção.

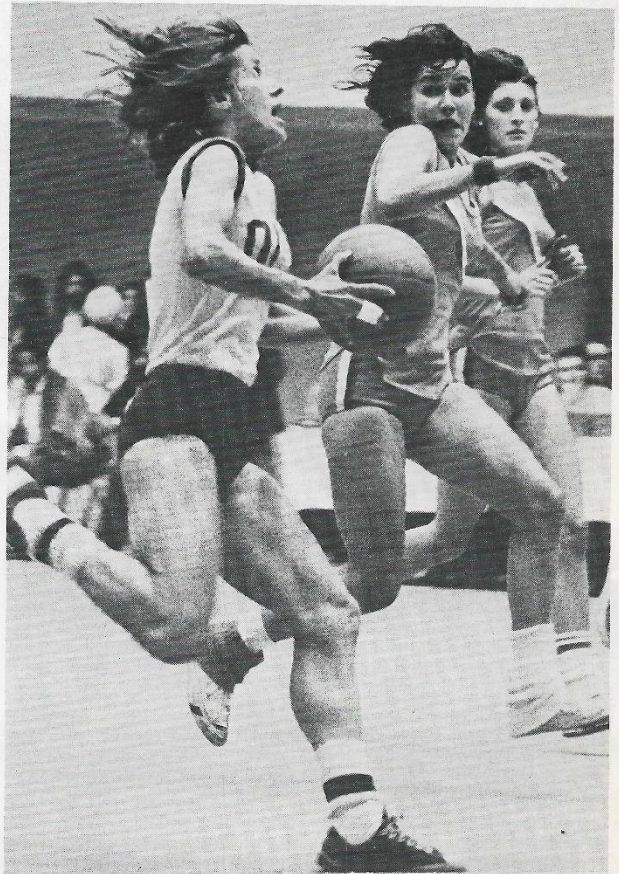
Relembrando esses momentos, Norminha, a principal estrela da equipe, comentou: "eu tinha plena certeza de que conseguiríamos a segunda colocação. Seria difícil passar pela União Soviética. Elas eram fortes demais. Mas, para o segundo lugar, tínhamos condições. Ficamos concentradas por três meses, de 6 a 8 horas por dia, com equipes masculinas juvenis para ter mais impacto. Nossos treinos eram concientes e o trabalho de dedicação total".

Porém uma coisa que não fez diferença para Norminha, mas fez para Delcy, a reserva que mais participou daquele Mundial, foi a ausência de uma temporada internacional. "Apesar de jogarmos juntas há 10 anos, e de reunirmos muita experiência internacional, não chegamos a conhecer as equipes que jogariam naquele Mundial. De ano para ano, as seleções mudam e esse contato amistoso seria fundamental para rendermos muito mais do que, na verdade, rendemos durante os jogos."

De qualquer maneira, o carinho do público que, a cada jogo, lotava o Ibirapuera, foram decisivos para uma atuação crescente da seleção feminina. Desde a estréia (e por isso, difícil) contra a França, até o memorável jogo contra o Japão e a estarecedora partida contra a Checoslováquia da qual Norminha também não consegue se esquecer. "Depois de estarmos perdendo por 17 pontos, alcançamos o empate. Mas a alegria por essa conquista acabou sendo quebrada quando jogaram um sorvete na quadra, e o jogo foi paralisado. Ao voltarmos, a equipe deu uma esfriada e não conseguimos o desempate. Na prorrogação, perdemos a grande chance de ir para a final, disputar o título contra a União Soviética".

No entanto, o terceiro lugar foi mais do que comemorado. E foi muito bom para todas. Se durante o Mundial eram motivo de elogios, aclamações pelo presidente da República e pelo governador de São Paulo, além de serem carinhosamente procuradas pelo povo no hotel e nas ruas; com a medalha de bronze passaram a ser reconhecidas pela garra e pelo incrível basquete que sabiam jogar. A euforia pelo esporte tomou conta do Brasil. "Foi muito bom ser reconhecida", afirma Maria Helena, "isso foi um prêmio para nós pelos anos de dedicação ao basquete".

E mesmo com a menor experiência internacional da atual seleção, tanto Norminha, quanto Delcy e Maria Helena acreditam que novamente o clima se repetirá, e as meninas ganharão projeção com o Mundial que está para começar. Se assim for, que o basquete parta para a massificação, aproveitando a nova euforia. Pelo menos isso é o que esperam essas veteranas sensacionais.



Norminha, símbolo da seleção.



Maria Helena



Delcy, a "reserva titular".

BRASIL x JAPÃO: "SHOW" RECORDAÇÕES



A bola acaba de cair na cesta; o Brasil vence o Japão. Nilza é só emoção, enquanto a quadra é invadida para a grande festa.



Tão perto da vitória, as japonesas não acreditaram nos últimos números do placar: Brasil 77 x 76 Japão. O choro, sentido, misturou-se à alegria brasileira.

- A Maria Helena vai cobrar uma lateral de ataque; eu me posiciono no pivô de baixo, de costas para a cesta. Ela joga a bola na minha mão. No ar, eu giro e faço o arremesso. No trajeto da bola à cesta escuto tocar a campainha de fim de jogo (também, tudo aconteceu a exatamente um segundo do encerramento) e sinto que todo o País está esperando para ver aonde aquela bola vai cair. Será na cesta...

1m82, 28 anos naquele inesquecível 24 de maio de 1971, a pivô Nilza Monte Garcia, era mais conhecida até aquela cesta decisiva no jogo entre Brasil e Japão, simplesmente pelo número 8 às costas ou, para alguns, por ser a jogadora que usava cabelos longos, amarrados ao estilo "rabo de cavalo" e que fazia muitos pontos. Hoje, doze anos mais velha, cabelo mais curto e agora supervisora educacional de pré-escola na prefeitura municipal de Santo André, Nilza continua sendo reconhecida nas ruas e festejada pelas pessoas como "aquela jogadora que fez a cesta contra o Japão, no último segundo".

- Era a única coisa que eu tinha que fazer naquela hora; não tinha tempo para mais nada. Gozado é que momentos antes daquela cesta, a Heleninha tinha perdido dois lances livres e ela tinha 100% de aproveitamento - e a Maria Helena errou uma bandeja inacreditável. Quando fiz o "jump" notei que o juiz tinha marcado falta da defesa. Foi aí que eu torci ainda mais para a bola entrar. Se eu vou para os dois lances livres acho que não faria nenhuma. A vibração foi demais. Saí correndo para o lado do banco de reservas e quando cheguei lá não senti as pernas e caí, só vendo aquele povão todo invadindo a quadra. Parecia um sonho... a festa durou por todo o trajeto Ibirapuera - hotel. Eu muito cumprimentada, sabia que aquele lance seria o que mais marcaria a minha carreira, mas eu via aquela vitória como algo conquistado por todo o grupo.

Tudo foi tão marcante que a pedagoga, psicóloga, professora de educação física e ex-jogadora de basquetebol (20 anos de carreira, 16 na seleção brasileira) diz emocionar-se toda a vez que vê, em campo, nas pistas ou nas quadras qualquer equipe ou atleta com a camisa do Brasil lutando contra representantes de outros países:

- Fico emocionada. Lembro que quando jogava, eu ficava transformada quando vestia a camisa do Brasil. Dentro daquela número 8 da seleção de basquete, não era eu - a Nilza - que estava lá, e sim toda a Nação Brasileira. Brasil e Japão? Fui ver um jogo recentemente no Ibirapuera e lembrei muito daquele dia 24 de maio de 71 - com muita emoção.

Se é assim, Nilza deve ter-se emocionado de novo no último dia 22. Afinal, Brasil x Japão foi a grande atração pré-mundial para o público paulista. Numa partida comemorativa ao inesquecível encontro de 71 e aos 75 anos de imigração japonesa, as duas seleções que hoje disputam o IX Mundial estiveram frente a frente, no Ibirapuera.

O BASQUETE BRASILEIRO: FORÇA E TRADIÇÃO

A ascensão do voleibol não incomoda. A preferência pelo futebol não diminui nada. O êxito esporádico de atletas e equipes de outras modalidades não chegam a influir negativamente. Dono de uma força espantosa, beneficiado por uma tradição inquestionável, o basquetebol brasileiro consegue desfrutar de um privilegiado lugar de destaque dentro do esporte amador brasileiro.

O grande número de títulos internacionais conquistados, o excelente estágio técnico a nível doméstico, e a descoberta e criação de alguns jogadores fora de série fizeram do basquetebol brasileiro uma verdadeira potência a nível mundial. Respeitado lá fora, desenvolvido aqui dentro, o nosso basquete prossegue em sua trajetória de muito brilho e glórias inesquecíveis.

OS TÍTULOS

Há 35 anos, nas Olimpíadas de Londres (1948) o basquetebol masculino do Brasil começaria a merecer respeito de todo o mundo com a conquista da primeira medalha de bronze. Doze anos mais tarde, uma geração de jogadores excepcionais já despontava, trazendo dos Jogos Olímpicos de Roma a segunda medalha de bronze para a modalidade. Casualidade? Nada disso: quatro anos mais tarde, a seleção brasileira de basquetebol reafirmava-se no conceito internacional repetindo a façanha de chegar à glória de uma medalha olímpica: bronze, outra vez, nas Olimpíadas de Toquio (64). No México, em 68, um honroso 4º lugar-que, lamentavelmente, significava o fim de uma equipe talhada para vencer.

Foi, contudo, nos campeonatos mundiais, que o basquete masculino do Brasil atingiu o ápice em termos de

conquista. Se não, como explicar tamanha regularidade em mais de 24 anos de disputas: vice-campeão em 54, no Rio de Janeiro; campeão em 59, no Chile; bicampeão em 63, no Rio de Janeiro; 3º lugar em 67, em Montevideu; vice-campeão em 71, na Iugoslávia e 3º colocado em 78, em Manilla, nas Filipinas.

No continente sul-americano, a supremacia brasileira é infinitamente marcante. Dos 30 torneios sul-americanos já disputados, o Brasil conquistou onze títulos, ficando em 9 oportunidades com o vice-campeonato. Depois de perder para a Argentina (79) e Uruguai (81), a seleção brasileira reconquistou sua condição de primeiro do continente ao vencer, recentemente, a última edição do certame, em maio, em São José dos Campos. Também em termos de Jogos Pan-Americanos nosso basquete está bem. Temos cinco títulos (três no masculino e dois no feminino), várias medalhas de prata e de bronze.

No setor feminino, nosso basquetebol não divide a honra de muitos títulos com as maiores potências do mundo. Aquele 3º lugar do Mundial de 71, em São Paulo, ainda persiste como a melhor colocação num torneio desta proporção. Nos outros mundiais, a seleção feminina do Brasil ficou em 4º lugar, em 53, em Santiago; 4º, em 57, no Rio de Janeiro; não participou em 59, em Moscou; 5º, em 64, em Lima; 8º, em 67, em Praga; 12º, em 75, em Cali e 9º, em 79, em Seul, Coreia.

Integrante de um segundo bloco no contexto mundial, o basquete feminino brasileiro, a exemplo do masculino, é o melhor da América do Sul. Nos 18 torneios realizados, o Brasil conquistou 10 títulos e 4 vezes. Com um detalhe: de 65 a 74, não perdeu nenhum, chegando a um inédito hexacampeonato.

ASTROS E ESTRELAS

Mais do que qualquer outro esporte, o basquetebol é um jogo onde a consciência coletiva deve imperar. Dentro e fora da quadra. Longe de querer romper com este conceito, o Brasil notabilizou-se no mundo pela presença de jogadores que, às vezes sozinhos, davam aos torcedores os momentos mais lindos, brilhantes e emocionantes de uma partida qualquer.

Hoje, o Brasil pode-se orgulhar de ter nascido aqui um jogador com a garra e técnica de Ubiratan Maciel, o velho Bira, hoje nome consagrado no "Hall da Fama", nos Estados Unidos. Mas não foi só Ubiratan que maravilhou o mundo. Quem não se lembra do diabo loiro, Vladimir Marques e Amauri Passos, jogadores completos, se não perfeitos. E Rosa Branca, Edson Bispo, Mosquito, Hélio Rubens, Edvar? São todos jogadores acima da média, nascidos em um país que não parou no tempo ao formar seus mitos. Afinal, Carioquinha, Marcel, Oscar, Marquinhos, Marcelo Vido, Nilo e Cadum estão aí, a provar que nada no basquetebol brasileiro foi acidental.

Astros de um lado, estrelas do outro. Da seleção de 71 todos guardam na memória a velocidade e dedicação de Norminha, a mão certa de Delcy (na época, chamada de "a mãozinha de ouro"), a funcionalidade de Marlene e Nilza. Hoje, depois de um recesso no setor, surgem Hortência, Paula, Suzete, Marta, Cristina e Vânia. Destaques no país, que já encantam o mundo com algumas características bastante comuns: a habilidade, a intimidade com a bola e a precisão nos arremessos.



SANTO AMARO

TRANSPORTES LOCAÇÃO E COMÉRCIO DE VEÍCULOS LTDA.

MATRIZ:

AV. SANTO AMARO, 7123 CEP 04701 - TELS.: 246-7344 - 523-4666

FILIAIS:

AV. RIO BRANCO, 541 - CEP 01205 - TELS.: 220-8936 - 221-9983 - 223-0152

RUA DA CONSOLAÇÃO, 271 - CEP 01050 - TELS.: 256-3162 - 259-6198/2906

- * VEÍCULOS DE PASSEIO DE TODAS AS MARCAS.
- * KOMBIS. * CAMINHOÊS.
- * AUTOS PARA EXECUTIVOS COM AR CONDICIONADO
- * MOTORISTAS BI-LINGUES
- * PREÇOS ESPECIAIS PARA LOCAÇÕES A LONGO PRAZO

ACEITAMOS TODOS OS
CARTÕES DE CRÉDITO.

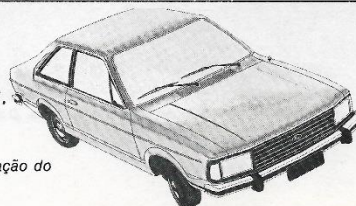
UMA EMPRESA DO GRUPO:

CIA. STO. AMARO DE AUTOMÓVEIS.

O MAIOR REVENDEDOR FORD DO BRASIL

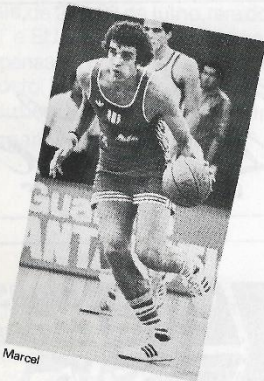
CIA. STO. AMARO DE AUTOMÓVEIS:

Cumprimenta a C.B.B. e F.P.B. pela magnífica realização do
9º Campeonato Mundial Feminino de Basketball

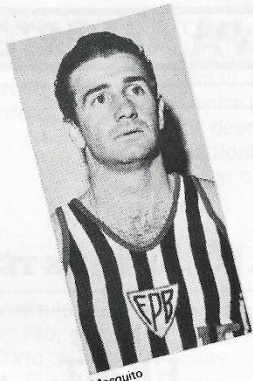




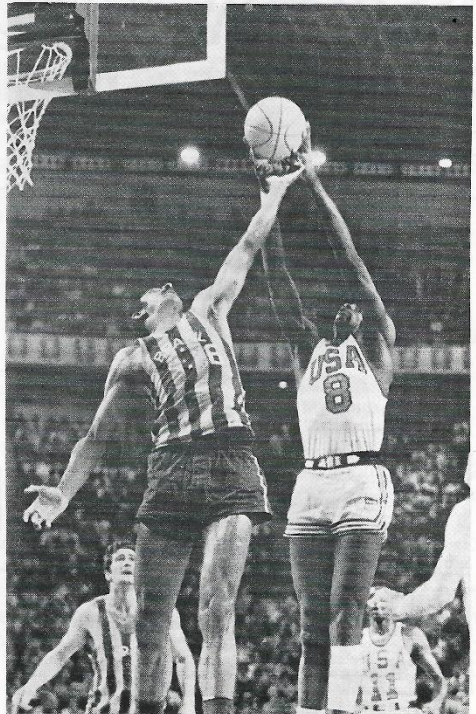
Em baixo da cesta, a forte e respeitada presença de Amaury Passos.



Marcel



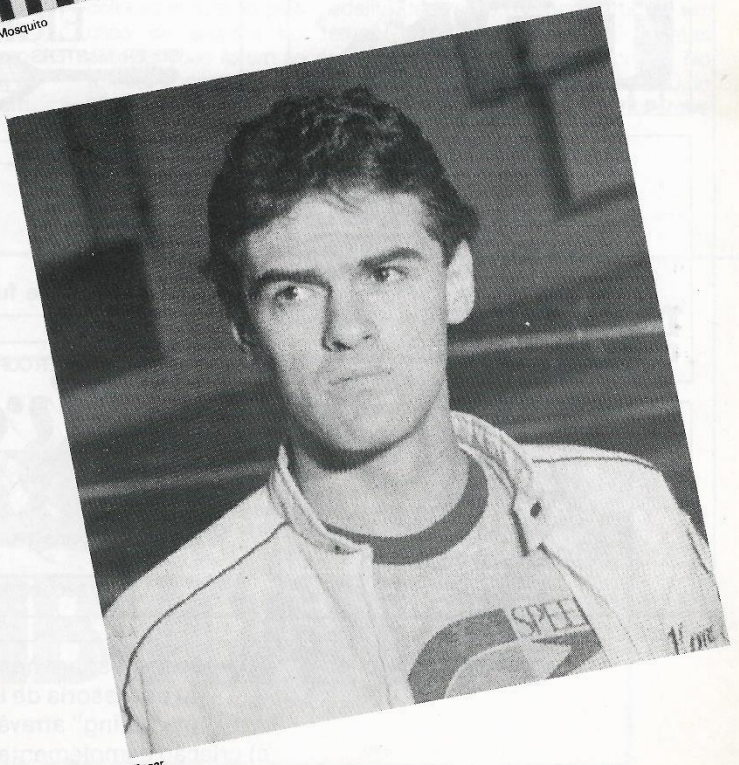
Mosquito



Ubiratan Maciel, um mito em todo o mundo.



Edvar Simões, um ídolo da geração de ouro, destaque do Mundial de 70, na Iugoslávia.



Oscar

Quem elaborou
esta revista

**TEM ESTE
CURRÍCULO**



Consulte-nos sobre nosso "know how"

- a) assessoria de imprensa
- b) "marketing" através do esporte
- c) criação e implementação de eventos

Rua Stella, 134 - Vila Mariana - São Paulo - CEP 04011

Tel. (011) 572-7356 - telex (011) 31203

No Brasil, o maior Mundial da história

O 9º Campeonato Mundial de Basquete Feminino será o maior já disputado até hoje, com a participação de 14 equipes, representando todos os continentes. Entram no torneio os três melhores do último Mundial, em 79: Estados Unidos (campeão), Coréia (vice), e Canadá (3º); os três primeiros dos Jogos Olímpicos de Moscou, em 80: União Soviética (campeã), Bulgária (vice) e Iugoslávia (3º); Brasil, país-sede; Zaire, campeão africano; China, da Ásia; Cuba, da América Central; Peru, da América do Sul; Polônia, da Europa; e Austrália, da Oceania. Entrará como convidado dos organizadores.

Em caso de empate na pontuação após as três partidas que cada país irá fazer, os critérios indicam: entre dois times, confronto direto; entre mais de duas equipes, saldo "average" apenas entre os empatados (persistindo a igualdade, saldo "average" considerando-se todos os jogos). Define-se por saldo "average" a divisão entre os pontos marcados e os pontos sofridos até a terceira casa decimal.

A FASE DECISIVA

O Mundial será jogado em duas etapas. A primeira, em três Capitais, de 24 a 26 de julho, terá doze seleções divididas em grupos (Brasil e EUA vão diretamente na final). A segunda, em São Paulo, terá apenas as 8 melhores seleções, que jogarão de 28 de julho a 6 de agosto. Em São Bernardo do Campo, as eliminadas da fase inicial disputarão o torneio-consolação, decidindo do 9º ao 14º lugar, de 29 de julho a 1º de agosto.

Conhecido os seis melhores do turno preliminar, o 9º Campeonato Mundial será decidido no ginásio Ibirapuera, reunindo também os Estados Unidos, últimos campeões, e o Brasil, país-sede. Os oito participantes jogarão no sistema todos contra todos, utilizando-se os mesmos critérios de pontuação e de desempate da fase anterior. Apenas Brasil e EUA jogarão sete partidas; os demais apenas seis, já que os resultados obtidos no turno classificatório valerá para esta etapa final.

Segundo sorteio, a primeira etapa está assim constituída: Em Brasília, grupo "A", Cuba, Peru, Bulgária e Coréia; no Rio, grupo "B", Austrália, Iugoslávia, Japão e Polônia; em Porto Alegre, grupo "C", China, União Soviética, Zaire e Canadá. O sistema de disputa estipula jogos entre todas as equipes de um mesmo grupo, classificando-se os dois primeiros de cada chave para a segunda fase. Cada vitória valerá dois pontos; a derrota, um ponto; e a desistência, nenhum ponto.

Os dois melhores pontuados irão decidir, no dia 6 de agosto, sábado, o título e o vice-campeonato. Na preliminar, os 3º e 4º colocados lutarão pela medalha de bronze. Nestas partidas, em caso de empate no tempo regulamentar, haverá quantas prorrogações forem necessárias para definição do vencedor. No torneio-consolação, as quatro rodadas irão dar por pontuação, do 9º ao 14º lugar, o mesmo acontecendo com o 5º ao 8º da chave final.

CASAS PERNAMBUCANAS

UM PASSEIO PELAS CIDADES SEDES

O IX Campeonato Mundial Feminino de Basquetebol será desenvolvido em duas etapas. A primeira, de 24 à 26 de julho, reunirá 12 seleções em três cidades - Rio de Janeiro, Brasília e Porto Alegre - ,classificando seis equipes para as finais, em São Paulo, onde encontram também o Brasil, país-sede, e os Estados Unidos, último campeão. Simultaneamente, em São Bernardo do Campo, as equipes desclassificadas da 1ª fase disputando 9º ao 14º lugares, no chamado "Torneio de Consolação".

Aqui, um pouco da história destas cidades.



SÃO PAULO

Ninguém, em pleno século XVI, poderia imaginar que aquele pequeno local, erguido entre os rios Anhangabaú e Tamanduateí, completamente isolado para se defender dos índios, seria quatrocentos anos depois uma complexa metrópole de 8.493.598 habitantes, movimentada por milhares de indústrias, percorrida diariamente por 1.600.000 veículos.

Aquele pequeno vilarejo, que devido ao seu próprio afastamento só virou cidade em 1711, hoje se irradia no alto de um planalto, a 731 metros de altura, em todas as direções possíveis. São Paulo não é apenas a cidade mais populosa do Brasil; é também o maior centro industrial da América do Sul, o maior mercado brasileiro, a mais completa combinação de indústrias, o elo mais sofisticado de comunicação com todas as partes do País.

Com uma industrialização assombrosamente crescente desde o ciclo do café, em 1870, a cidade atraiu imigrantes de todas as raças, brasileiros de todos os lugares. A Grande São Paulo, quase do tamanho de Sergipe, congrega 37 municípios e uma massa humana de mais de 13 milhões de pessoas, algo inimaginável para o humilde padre Anchieta, em 1554.

Para os paulistanos, a partir do dia 28 de julho, estará reservada uma atração a mais dos que os 122 cinemas, 41 teatros, incontáveis bares e restaurantes. No ginásio do Ibirapuera, o mais tradicional do esporte amador brasileiro com capacidade para 16 mil pessoas, as oito melhores seleções de basquete feminino estarão lutando pelo título do 9º Mundial. Uma enorme festa que vai lembrar certamente o basquete de 71, o tênis de 80, o futebol de salão de 82.....



PORTO ALEGRE

A excelente localização geográfica, a margem esquerda do Rio Guaíba, deu a Porto Alegre a importante função de comandar todo o fluxo econômico do sul do Brasil. Hoje, a capital do Rio Grande do Sul é o principal centro industrial de toda a região, englobando municípios vizinhos como Canoas, Sapucaia e Esteio, com destaque para as indústrias metalúrgicas, alimentícias, de tecido e de calçados.

Sua formação histórica é bem mais recente que as demais cidades da região. Fundada em 1732, ela foi conhecida muito tempo como Porto dos Casais, já que o governo português, na tentativa de colonizar a região, enviou em 1752 cinquenta casais para administrar a vila. Promovida em 1773 à sede da capitania, Porto Alegre foi elevada à categoria de cidade apenas em 1822, recebendo a partir daí forte influência dos imigrantes alemães.

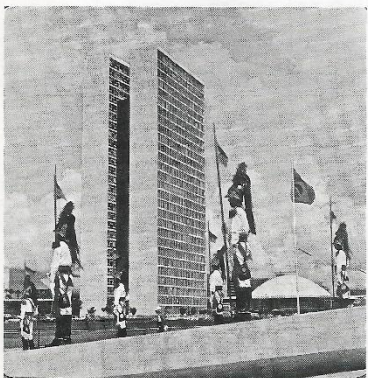
O importante pólo econômico em que se transformou nas últimas décadas levou a capital gaúcha a uma grande densidade demográfica. Hoje, o município já conta com 1.125.000 habitantes, mas não perdeu sua beleza: os quatro parques e as 128 praças da cidade são um privilégio de sua população.

Em termos esportivos, Porto Alegre também é uma potência, com considerável progresso em praticamente todas as modalidades, apoiada numa larga tradição gaúcha no setor, especialmente no futebol, basquete, vôlei e tênis.

O ginásio escolhido para sediar o grupo "c" da fase classificatória do Mundial Feminino foi o da Brigada Militar, inaugurado em 1963 para a universidade e com capacidade para 8 mil pessoas. Lá, estarão se apresentando União Soviética, China, Zaire e Canadá.



RIO DE JANEIRO



BRASÍLIA

SÃO BERNARDO DO CAMPO

Descrever a cidade do Rio de Janeiro essencialmente pela sua incomparável beleza natural é, na verdade, uma grande injustiça. Além do sol, das praias, das formações rochosas que tornaram a cidade no principal ponto turístico do Brasil, o Rio de Janeiro também precisa ser visto como o segundo centro econômico mais desenvolvido do País, atrás somente de São Paulo.

Capital da República por quase dois séculos, o Rio foi, até 1950, a maior cidade brasileira, graças aos fatores históricos e geográficos. Abrangendo a Baía da Guanabara, uma posição privilegiada, grande parte de toda a produção nacional escoou por seus portos, a ponto de transformá-la no segundo centro industrial do Brasil, com grande desenvolvimento nos setores de transformação, produtos alimentícios, bebidas e gráfico.

A vila do Rio de Janeiro surgiu preliminarmente em 1502, mas os constantes ataques dos franceses não permitiu prosperidade. Em 1567, foi fundada São Sebastião do Rio de Janeiro, porto fundamental para saída de açúcar e de ouro. A chegada da Família Real em 1808 deu-lhe também caráter administrativo, perdido somente em 1960 com a fundação de Brasília.

Hoje, a população da cidade já chega aos 5.093.232 habitantes, número que sobe muito durante as temporadas turísticas. O esporte faz parte da vida diária do carioca, nas praias, nos campos e nos ginásios.

E será exatamente no Maracanãzinho, o maior ginásio do Brasil, com capacidade para 18 mil pessoas, que Austrália, Iugoslávia, Polônia e Japão lutarão por duas vagas nas finais do Mundial Feminino.

Considerada a cidade brasileira com maior taxa de crescimento populacional nos últimos anos, Brasília, sede da capital federal, em seus apenas vinte e três anos de existência, já se coloca no plano das grandes metrópoles do País.

Localizada a 1.152 metros de altitude dentro do Planalto Central, Brasília reúne hoje 1.180.000 habitantes, distribuídos no plano-piloto (parte central) e as diversas cidades-satélites, como Taguatinga, Gama, Guarã, Ceilândia e Brazília.

Além da sede do governo, o que a transforma num pólo essencialmente administrativo e político, Brasília possui considerável desenvolvimento econômico, baseado em indústrias de transformação, avicultura e agricultura.

Criada para substituir o Rio de Janeiro como capital federal, seu projeto de construção remonta às primeiras décadas deste século. A concretização do plano, no entanto, só foi fixada nos anos 50, com a formação de uma comissão especial, chefiada pelo arquiteto Oscar Niemeyer. A inauguração oficial da cidade aconteceu a 21 de abril de 1960 e desde então o desenvolvimento superou a expectativa.

Nos últimos anos, Brasília tornou-se também importante centro esportivo, organizando competições das mais variadas modalidades, como o próprio basquete, vôlei, tênis, automobilismo, atletismo e os jogos Estudantis Brasileiros - Jeb's.

Neste IX Campeonato Mundial Feminino de Basquete, Brasília receberá as seleções de Cuba, Peru, Coréia do Sul e Bulgária. As partidas serão disputadas no moderno ginásio "Cláudio Coutinho", inaugurado em 1982 e com capacidade para 4 mil pessoas.

Embora tenha sido fundada em 8 de abril de 1553, por João Ramalho, a cidade de São Bernardo do Campo só irá comemorar seus 430 anos de fundação a 20 de agosto. Explica-se: pertencendo, inicialmente, ao município de Santo André da Borda do Campo, São Bernardo só ganhou autonomia anos após e a data de sua criação passou a ser comemorada no dia de São Bernardo.

Atualmente com 518 mil habitantes, São Bernardo do Campo integra o complexo pólo industrial automobilístico da região do ABC. No roteiro comercial da cidade, destacam-se as casas de móveis e decorações. Também no aspecto turístico, São Bernardo ganha projeção com a Represa Billings, a Cidade da Criança, a Serra do Mar e os famosos restaurantes da "rota do frango com polenta".

Na cidade, de 29 de julho a 1º de agosto, será desenvolvido o Torneio de Consolação, que definirá dos 9º ao 14º lugares, no ginásio da Associação dos Funcionários Públicos de São Bernardo do Campo.

TABELAS DE JOGOS FASE DE CLASSIFICAÇÃO

GRUPO "A" - BRASÍLIA - Ginásio Claudio Coutinho

Dia 24/07/83 - Domingo

20,00 horas -
a seguir -

1º Jogo - Cuba x Coreia
2º Jogo - Peru x Bulgária

Dia 25/07/83 - Segunda - Feira

20,00 horas -
a seguir -

1º Jogo - Cuba x Bulgária
2º Jogo - Peru x Coreia

Dia 26/07/83 - Terça - Feira

20,00 horas -
a seguir -

1º Jogo - Cuba x Peru
2º Jogo - Bulgária x Coreia

GRUPO "B" - RIO DE JANEIRO - Ginásio Gilberto Cardoso (Maracanãzinho)

Dia 24/07/83 - Domingo

20,00 horas -
a seguir -

1º Jogo - Austrália x Polónia
2º Jogo - Iugoslávia x Japão

Dia 25/07/83 - Segunda Feira

20,00 horas -
a seguir

1º jogo - Austrália x Japão
2º Jogo - Iugoslávia x Polónia

Dia 26/07/83 - Terça - Feira

20,00 horas -
a seguir -

1º Jogo - Austrália x Iugoslávia
2º Jogo - Japão x Polónia

GRUPO "C" - PORTO ALEGRE - Ginásio da Brigada (Gigantinho)

Dia 24/07/83 - Domingo

20,00 horas -
a seguir -

1º Jogo - China x Canadá
2º Jogo - U.R.S.S. x Zaire

Dia 25/07/83 - Segunda - Feira

20,00 horas -
a seguir -

1º Jogo - China x Zaire
2º Jogo - U.R.S.S. x Canadá

Dia 26/07/83 - Terça - Feira

20,00 horas -
a seguir -

1º Jogo - China x U.R.S.S.
2º Jogo - Zaire x Canadá

TABELAS DE JOGOS TURNO FINAL

Dia 28/07/83 - Quinta Feira

17:00	U.S.A.	x 2º Colocado Grupo "C"
20:30	1º Colocado Grupo "B"	x 1º Colocado Grupo "C"
22:30	Brasil	x 2º Colocado Grupo "B"

Dia 29/07/83 - Sexta - Feira

18:30	1º Colocado Grupo "A"	x 1º Colocado Grupo "B"
20:30	U.S.A.	x 2º Colocado Grupo "B"
22:30	2º Colocado Grupo "A"	x Brasil

Dia 30/07/83 - Sábado

16:00	2º Colocado Grupo "C"	x Brasil
20:30	2º Colocado Grupo "A"	x 1º Colocado Grupo "B"
22:30	U.S.A.	x 1º Colocado Grupo "C"

Dia 31/07/83 - Domingo

18:30	1º Colocado Grupo "C"	x 2º Colocado Grupo "A"
20:30	2º Colocado Grupo "B"	x 2º Colocado Grupo "C"
22:30	Brasil	x 1º Colocado Grupo "A"

Dia 01/08/83 ,- Segunda Feira

18:30	U.S.A.	x 1º Colocado Grupo "B"
20:30	1º Colocado Grupo "C"	x 1º Colocado Grupo "A"
22:30	2º Colocado Grupo "C"	x 2º Colocado Grupo "A"

Dia 02/08/83 - Terça - Feira

18:30	2º Colocado Grupo "B"	x 1º Colocado Grupo "C"
20:30	1º Colocado Grupo "A"	x 2º Colocado Grupo "C"
22:30	U.S.A.	x Brasil

Dia 03/08/83 - Quarta - Feira

18:30	2º Colocado Grupo "A"	x 2º Colocado Grupo "B"
20:30	U.S.A.	x 1º Colocado Grupo "A"
22:30	Brasil	x 1º Colocado Grupo "B"

Dia 04/08/83 - Quinta - Feira

15:00	2º Colocado Grupo "B"	x 1º Colocado Grupo "A"
17:00	U.S.A.	x 2º Colocado Grupo "A"
20:30	2º Colocado Grupo "C"	x 1º Colocado Grupo "B"
22:30	Brasil	x 1º Colocado Grupo "C"

Dia 05/08/83 - Sexta - Feira

DESCANSO

Dia 06/08/83 - Sábado - Final

19:30 - Decisão de 3º e 4º Lugares
21:30 - Decisão de 1º e 2º Lugares

A seleção, preparada. Até para ser campeã.

Sua média de idade é ligeiramente inferior a 23 anos. Suas principais estrelas são Hortência e Paula, duas jogadoras de invejável habilidade. O forte de seu jogo coletivo é a velocidade e, com ela, os lances em contra-ataques. Sua experiência ainda é pequena, mas nada supera seu entusiasmo e força de vontade, além do que a disputa de um Mundial não é novidade para a maioria. Assim, a nova seleção brasileira de basquete feminino, esperança de todo o povo em mais um campeonato mundial, aguarda o dia de sua estréia - já na fase final da competição.

Nem o torcedor mais otimista sonha antecipadamente com o título. Conquistá-lo, numa luta em que adversários como União Soviética e Estados Unidos são praticamente insuperáveis, não será nada fácil. Mas não se pode, também, descartar o Brasil desta guerra. Em casa, ao lado de uma torcida fantástica, nossa seleção tem atrás de si um trabalho de preparação que se estendeu por quase um ano e que, mesmo com eventuais falhas, só trouxe benefícios para todo o grupo.

Muito forte a nível continental, o basquete feminino brasileiro traçou planos mais ousados para a etapa de preparação que visava ao Campeonato Mundial. Assim, logo de início, nossas meninas iam para a Europa, em junho de 82, disputando na Holanda um torneio quadrangular que tinha as presenças da Coreia (campeã asiática) e dos Estados Unidos (o último campeão mundial). Falta de adaptação, ausência de ritmo e entrosamento e os reflexos de uma primeira viagem nos levaram a apenas uma vitória, contra a Holanda, com 21 pontos de vantagem. Mesmo assim, nada mal...

Da Holanda para a Suíça. Representando o basquete da América do Sul, a seleção brasileira enfrentou a Coreia, em

Genebra, numa partida comemorativa ao Cinquentenário da FIBA, festa que reuniu naquela partida representantes de 110 países do mundo. Todos eles, sem exceção, vibraram com o jogo (vencido pelas coreanas, por 87 a 83) e encantaram-se com o basquetebol fora de série da brasileira Hortência de Fátima Marcarí (fez 34 pontos na partida) - naquele instante, apontada como a melhor jogadora do mundo.

Ainda neste período, a seleção foi para a Itália, onde enfrentou a equipe nacional daquele país por duas vezes, ganhando uma e perdendo outra.

Após um período de jogos e treinos menos exigentes, a seleção brasileira do técnico Antonio Carlos Barbosa (que, a estas alturas, já ia pensando em definir as 12 jogadoras para o Mundial) retomou a força do trabalho preparatório a partir de março deste ano. Contra uma das seleções mais fortes do mundo - a cubana - as brasileiras fizeram uma série de 8 jogos amistosos, na capital e no interior de São Paulo.

Nas sete primeiras partidas, vitória da Cuba, ainda que por um ponto de diferença, como aconteceu em três ocasiões. No oitavo encontro, porém, a confirmação de que a seleção brasileira estava em ascensão técnica e tática. Vitória do Brasil com 10 pontos de vantagem (87 a 77), na partida que decidiu o torneio quadrangular disputado no Ibirapuera, onde ainda derrotamos, com enorme facilidade, as seleções da Argentina e do Peru.

O intercâmbio com as cubanas não era suficiente. E a seleção do Brasil fez em abril e maio a sua mais importante

excursão dos últimos anos: 24 dias, 12 jogos, contato com a escola de cinco países europeus e, melhor do que tudo, algumas vitórias significativas.

Na França, dois jogos e uma vitória, 84 a 70. Na Bélgica, mais duas partidas e outras duas vitórias: 88 a 69 e 91 a 54. Contra a Holanda, uma surpresa no primeiro jogo (57 a 73) e a desforra na outra partida. 59 a 56.

As duas últimas etapas da excursão foram as mais importantes. Já cansadas com tantas viagens - mas melhor entrosadas pela seqüência de jogos e período de convivência - as meninas da nossa seleção fizeram três jogos contra a Bulgária, vice-campeã olímpica, que ganhou todas (92 a 71, 77 a 72 e 87 a 81). Um detalhe apenas: no último jogo, o Brasil tinha uma vantagem de 16 pontos, a dez minutos do final do jogo, mas foi cedendo ante ao cansaço provocado pelo mau preparo físico da época. Depois, na Polônia (cuja seleção é vice-campeã da Europa), perdemos duas e ganhamos uma, por 90 a 81 (mesmo placar da nossa primeira derrota).

De volta ao país, já com a equipe e comissão técnica definidas, a seleção treinou sem adversários até a série de 9 amistosos contra a equipe norte-americana das "Atletas em Ação". Em todas as partidas disputadas em diversas capitais do país, só vitórias, algumas delas com vantagens que chegaram aos 50 pontos.

Como último estágio de preparação, a seleção brasileira de Paula, Hortência, Vânia, Solange e Marta (o "time-base" do técnico Barbosa) participou do Torneio Pré-Mundial, dias 15, 16 e 17, em Teresópolis (RJ), com as seleções do Peru, China e Iugoslávia.

**HORTÊNCIA - Nº 4**

Nome completo: Hortência Maria de Fátima Marcarí; idade: 23 anos (23/09/59); natural de Potirendaba (SP); clube atual: Prudentina, de Presidente Prudente (SP); altura e peso: 1m74 e 62 quilos Posição: ala

**VÂNIA - Nº 12**

Nome completo: Vânia Somaio Teixeira; idade: 23 anos (30/04/60); natural de Bauru (SP); clube atual: Unimep, de Piracicaba (SP); altura e peso: 1m76 e 70 quilos Posição : ala

**BRANCA _ Nº 5**

Nome completo: Maria Angélica Gonçalves da Silva; idade: 17 anos (10/06/66); natural de Osvaldo Cruz (SP); clube atual: Unimep, de Piracicaba (SP); altura e peso: 1m70 e 66 quilos Posição: ala

**ELISA - Nº 9**

Nome completo: Elisa Garcia; idade: 21 anos (22/02/62); natural de São Paulo (SP); clube atual: Esporte Clube São Bernardo, de São Bernardo do Campo (SP); altura e peso: 1m69 E 62 quilos Posição: armadora

**ANNE - Nº 6**

Nome completo: Anne Maria Krabbenborg; idade: 25 anos (23/10/57); natural de Jaguariúna (SP); clube atual: Unimep, de Piracicaba (SP); altura e peso: 1m81 e 74 quilos Posição: ala e pivô

**CRISTINA - Nº 14**

Nome completo: Cristina Punko; idade: 25 anos (01/12/57); natural de São Paulo (SP); clube atual: Pirelli, de Santo André (SP); altura e peso: 1m85 e 73 quilos Posição: pivô

**SOLANGE - Nº 7**

Nome completo: Solange Maria de Castro; idade: 23 anos (02/06/60); natural de Pontal (SP); clube atual: Bauru Tênis Clube (SP); altura e peso: 1m85 e 78 quilos Posição: pivô

**VANDA - Nº 15**

Nome completo: Vanda dal Col; idade: 22 anos (01/01/61); natural São Vicente (SP); clube atual: Prudentina, de Presidente Prudente (SP); altura e peso: 1m95 e 91 quilos Posição: pivô

**PAULA - Nº 8**

Nome completo: Maria Paula Gonçalves da Silva; idade: 21 anos (11/03/62); natural de Osvaldo Cruz (SP); clube atual: Unimep, de Piracicaba (SP); altura e peso: 1m74 e 70 quilos Posição: armadora e ala

**BARBOSA TÉCNICO**

Nome completo: Antonio Carlos Barbosa; idade: 38 anos (14/04/45); natural de Bauru (SP); clube atual: Bauru Tênis Clube, de Bauru (SP). Dirige a seleção principal há oito anos

**SUZETE - Nº 13**

Nome completo: Suzete Pereira da Silva; idade: 25 anos (25/10/57); natural de Penápolis (SP); clube atual: Bauru Tênis Clube, de Bauru (SP); altura e peso: 1m69 e 70 quilos Posição: armadora e ala

**MARCIO BELLICIERI**

ASSISTENTE TÉCNICO: técnico da Comissão Municipal de Esportes de Guarulhos, 31 anos, professor de Educação Física, ex-jogador do CA Ipiranga. Esta é a sua primeira participação na seleção principal do Brasil, mas em 82 foi o técnico da equipe que disputou o Pan-Americano Juvenil Feminino, Colorado Springs, EUA.

**SORAYA - Nº 10**

Nome completo: Soraya Begliomini Brandão; idade: 25 anos (25/09/57); natural de São Paulo (SP); clube atual: Pirelli, de Santo André (SP); altura e peso: 1m73 e 73 quilos Posição: ala

**PEDRO ROBERTO PEREIRA DOS SANTOS**

PREPARADOR FÍSICO: Tem 26 anos e trabalha no Bauru TC, junto com o técnico Barbosa. É paranaense de Jussara e foi fisicultor de diversos times de futebol. Com o basquete, antes do BTC e da seleção feminina, já tinha trabalhado com a equipe masculina, às vésperas do último Sul-Americano.

**MARTA - Nº 10**

Nome completo: Marta de Souza Sobral; idade: 19 anos (23/03/64); natural de São Paulo (SP); clube atual: Pirelli, de Santo André (SP); altura e peso: 1m90 e 74 quilos Posição: pivô

**ALBERTO CURTI**

CHEFE DA DELEGAÇÃO: Um dos mais importantes dirigentes do basquetebol brasileiro. Foi, durante seis anos, presidente da CBB, entidade da qual é o vice-presidente atualmente. Ex-presidente da federação carioca e ex-membro do COB. Viajou diversas vezes por todo o mundo com seleções brasileiras.

E AINDA.....

Completam esta delegação as seguintes pessoas: Dra. MARLI KECORIUS, médica; SEBASTIÃO BERTONCELO, massagista e ALFREDO GOMES RODRIGUES, mordomo.

CORÉIA

Líder absoluta dos campeonatos asiáticos em quase todos os anos - dos nove torneios, perdeu o título apenas duas vezes, para o Japão (70) e a China (76) -, a Coréia sempre teve uma destacada participação em Campeonatos Mundiais. Praticamente sem adversários durante dez anos, só agora ela começa a ter ameaças a sua hegemonia, especialmente pela perigosa entrada e ascensão da China Popular no basquete local.

Na história dos Mundiais, a Coréia já obteve duas medalhas de prata: em Praga, onde só perdeu para a campeã União Soviética, e em Seul, onde sediou o campeonato e foi derrotada pelo Canadá, não ganhando o título apenas no saldo "average" (menos 1 contra mais 4 dos EUA).

Chefe da delegação: Shin, Dong - Kwan

Técnico Principal: Lin, Young - Bo

Assistente Técnico: Cho, Seung - Youn

Administradora: Lee, Hyung - Sook

Árbitro FIBA: Kim, Hak - Young

4	Choi, Ai - Young	23 anos	1m68
5	Park, Yang - Gae	22 anos	1m71
6	Le, Mi - Ja	19 anos	1m77
7	Woo, Eun - Kyung	20 anos	1m76
8	Kwon, Nyung - Hee	20 anos	1m84
9	Bang, Sin - Sil	24 anos	1m69
10	Cha, Yang - Sook	23 anos	1m76
11	Kim, Kwa - Soon	21 anos	1m78
12	Gong, Hyun - Ja	23 anos	1m70
13	Kim, Young - Hee	20 anos	2m01
14	Noon, Kyung - Ja	17 anos	1m81
15	Park, Chan - Sook	24 anos	1m98

PERU

A evolução do basquete feminino peruano é bem recente - e tem íntima relação com o intercâmbio com o Brasil. Integrante de um bloco intermediário a nível sul-americano durante muito tempo, o Peru já pode orgulhar-se do título continental em 77 e do vice-campeonato em 72 e 81. Grande parte desses feitos, é bem verdade, deve ser creditado à validade da "importação" de técnicos brasileiros: Tudy Sobrinho, Ary Vidal e até o seu atual treinador da equipe principal, Heleno Fonseca Lima. Isso, porém, ainda não fez do basquetebol feminino do Peru uma força a nível internacional e a sua participação em Campeonatos Mundiais provam isso: 7º colocado em 53; 11º em 57, e 7º em 64, no próprio Peru.

Chefe da delegação: Guillermo Ego Aguirre

Técnico principal: Heleno Fonseca Lima

Assistente técnico: Fernando Paz Chaves

Árbitro FIBA: Marcial Paredes

4	Shellah Allison	24 anos	1m70
5	Silvana Perez	19 anos	1m70
6	Patricia Luna	23 anos	1m67
7	Marisa Cosio	23 anos	1m67
8	Maria Del Pilar Sueyras	22 anos	1m82
9	Katia Manzur	25 anos	1m90
10	Mariella Picasso	27 anos	1m73
11	Karin Junek	27 anos	1m77
12	Guadalupe Garces	26 anos	1m80
13	Liliana Comas	20 anos	1m77
14	Marilu Menendez	23 anos	1m86
15	Rosa Quelopana	28 anos	1m80

CUBA

Isolada na América Central, Cuba representa a única grande força no basquete feminino da região, onde a modalidade tem pouca tradição, o que certamente não contribui para uma acentuada evolução técnica das cubanas. Porém o intercâmbio com a União Soviética fez com que o nível subisse muito ultimamente. Historicamente, Cuba só participou de três Mundiais: nos dois primeiros, foi a última colocada (10º e 12º lugares), com uma boa recuperação em 71 (7º entre 13 participantes).

Nos Jogos Olímpicos de Moscou, no entanto, as cubanas conseguiram a classificação através das qualificatórias mundiais e terminaram em quinto posto, com apenas uma vitória, sobre a Itália. No torneio, as cubanas perderam para a Iugoslávia (4 pontos), Bulgária (10 pontos) e União Soviética (40 pontos), todas presentes neste Mundial.

Chefe da delegação: Marcia Salas

Administrador: José Lopez

Técnico principal: Manoel Perez Proupin

Assistente técnico: Carmelo Ortega

Massagista: Manoel Dias Carmona

Médico: Fidel Frias

4	Leonor Borrelli	19 anos	1m90
5	Nancy Atiez	25 anos	1m83
6	Maria More	20 anos	1m78
7	Barbara Becker	25 anos	1m83
8	Ivone Carrillo	19 anos	1m70
9	Caridad Espaigne	22 anos	1m83
10	Matilde Charro (capitã)	29 anos	1m70
11	Melvis Coss	19 anos	1m90
12	Dalia Henry	17 anos	1m78
13	Odalys Cala	21 anos	1m79
14	Margarita Skeet	34 anos	1m67
15	Zenaida McCarthy	20 anos	1m84

BULGÁRIA

Duas medalhas olímpicas (prata em Moscou e bronze em Montreal) e outras duas em Mundiais (prata em 59 e bronze em 64) já são suficientes para mostrar a força do basquetebol búlgaro no cenário internacional. Na verdade, à exceção da União Soviética, que domina disparadamente a modalidade na Europa, a Bulgária divide o segundo plano do basquete feminino local com Iugoslávia, Polônia e Checoslováquia.

De 52 a 64, as búlgaras estiveram sempre ao lado das russas, com um título europeu (o único não vencido pela URSS), dois vice e dois terceiros. Mas a partir de 66, o avanço técnico de outros países equilibraram mais os campeonatos e a Bulgária só repetiu o vice em 72 e o terceiro posto em 76.

Chefe da delegação: Micho Mikoulache

Delegado: Filip Krastev

Técnico principal: Ivan Galabov

Assistente técnico: Ivan Lepitchev

Massagista: Lubomir Dimtchev

Árbitro FIBA: Anghel Labov

4	Nadka Goltcheva	31 anos	1m73
5	Larissa Sachova	22 anos	1m70
6	Petrana Makaveeva (capitã)	30 anos	1m74
7	Mariana Ivanova	20 anos	1m86
8	Vania Dermendjieva	24 anos	1m80
9	Penka Markova	21 anos	1m85
10	Radmila Vassileva	19 anos	1m84
11	Kostadinka Radkova	21 anos	1m87
12	Evladia Slatcheva	21 anos	1m82
13	Madlena Staneva	20 anos	1m86
14	Silvia Ghermanova	24 anos	1m81
15	Krassimira Bannova	22 anos	1m82

ESTADOS UNIDOS

A conquista do último Campeonato Mundial Feminino, disputado em Seul, Coreia, em meio ao um boicote geral dos países socialistas, dá aos Estados Unidos o privilégio de entrar diretamente na fase final deste Mundial, juntamente com o Brasil (por ser o país sede), sem ter que passar pelo turno classificatório.

A rigor, o basquete feminino norte-americano liderou o esporte mundial apenas na década de 50, obtendo seus dois primeiros títulos: em 53, sem a presença do bloco socialista, e em 57, invicto. Ausentes do 3º Mundial, em Moscou, num boicote geral dos europeus e americanos, os EUA acabaram relegados a posições intermediárias nos torneios seguintes, como um 4º lugar em Lima, a última posição (11º) em Praga e dois oitavos postos em São Paulo e Bogotá.

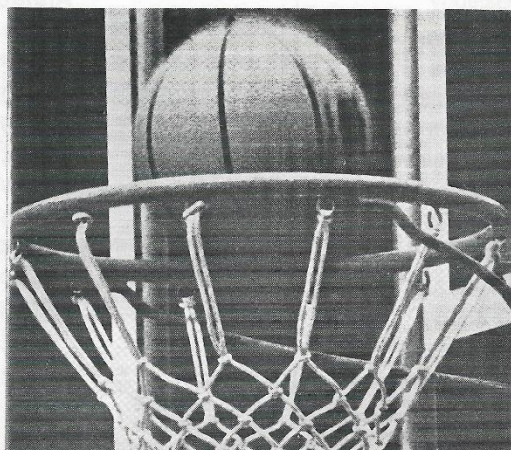
Um novo boicote, agora dos países socialistas, em 79, permitiu que as norte-americanas retomassem o título mundial após 20 anos. Mesmo assim, elas só venceram no saldo "average", já que terminaram empatadas em pontos ganhos com Coreia e Canadá, vice e 3º respectivamente. A campanha, no entanto, foi muita boa: cinco vitórias e apenas uma derrota, justamente para Coreia (82 a 94).

Em termos de Olimpíadas, os Estados Unidos chegaram a uma brilhante medalha de prata em Montreal, no primeiro torneio feminino dos Jogos Olímpicos. Apesar de perder surpreendentemente para o Japão (que terminaria em 5º), na primeira partida, as estadunidenses se recuperaram com três vitórias, só caindo frente a União Soviética, medalha de ouro (77 a 112). Em Moscou, os EUA lideraram um novo boicote e não participaram.

Chefe da delegação: Lea Plarski
Técnica Principal: Pat Head-Summitt
Assistente Técnica: Fran Garmon

Preparador físico: Karen Toburen
Médica: Dra. Donna Perry
Administradora: Phyllis Holmes

4	Patty Jo Hedges	22 anos	1m73
5	Cheryl Cook	20 anos	1m75
6	Lynette Woodard	23 anos	1m80
7	Anne Donovan	21 anos	2m03
8	Lataunya Pollard	22 anos	1m78
9	Cheryl Miller	19 anos	1m91
10	Janice Lawrence	21 anos	1m91
11	Cindy Noble	24 anos	1m96
12	Kim Mulkey	21 anos	1m64
13	Denise Curry	23 anos	1m86
14	Pan Mc Gee	20 anos	1m91
15	Lisa Ingram	18 anos	1m88



JAPÃO

Considerada atualmente uma das três forças do basquete asiático, ao lado de Coreia e China Popular, o Japão entra neste Mundial como convidado da organização, por ter a maior colônia em São Paulo. Ausente dos três primeiros Campeonatos Mundiais, as japonesas estrearam apenas em 67, saindo-se com um modesto 9º lugar.

A evolução foi se acentuando: do título asiático em 70 e do vice em 74, o Japão chegou a um histórico 2º lugar no Mundial de 75, na Colômbia, perdendo apenas uma partida, contra a União Soviética, futura campeã. No ano seguinte, nos Jogos Olímpicos de Montreal, um ótimo 5º posto manteve as japonesas entre as grandes forças mundiais, só abalada no Mundial de 79, em Seul, quando foram surpreendidas por Canadá e Austrália, terminando em 6º lugar.

Chefe da delegação: Akira Hidaka
Técnico principal: Shigeru Harada
Assistente técnico: Izumo Shimada
Médico: Atsushi Masujima

Delegado: Hiroyoshi Tanioka
Administradora: Naoko Fukushima
Contato: Yoshihiro Kubo
Árbitro FIBA: Yutaka Fukushima

4	Chika Yamamoto	22 anos	1m48
5	Akemi Nakahashi	21 anos	1m48
6	Nanae Fujii	20 anos	1m83
7	Takako Ohno	19 anos	1m77
8	Kaori Chikaishi	19 anos	1m70
9	Junko Matsuura	19 anos	1m77
10	Kumi Kubota	21 anos	1m77
11	Kazumi Shimizu	20 anos	1m80
12	Mika Sugihara	20 anos	1m82
13	Chie Harada	22 anos	1m71
14	Michiko Takahashi	19 anos	1m77
15	Setsuko Hashizume	23 anos	1m84

POLÔNIA

A exemplo da Iugoslávia, o basquetebol polonês só encontrou melhores caminhos a partir de 1978. Nos primeiros anos de campeonatos europeus, sempre liderados por russos e búlgaros, a Polônia sempre se manteve como 5ª ou 6ª força européia. Um esporádico 3º lugar continental em 68 só voltou a ser repetido em 78, quando as polonesas começaram a mostrar melhores resultados, que culminaram com a medalha de prata no Europeu de 80, à frente da Bulgária.

A única presença em Campeonatos Mundiais da Polônia foi em 59, em Moscou, facilitada pelo boicote do oeste europeu e Américas. Mesmo assim, ela não passou da quinta colocação entre os oito participantes, à frente de Romênia, Hungria e Coreia do Sul. Nas Olimpíadas, nunca participou.

Chefe da delegação: Hadselek Kajetan
Técnico principal: Mietta Ludwik
Assistente técnico: Hucinski Tadeusz

4	Kriistina Zagorsk	27 anos	1m68
5	Wieslawa Konwend	22 anos	1m86
6	Malgorzapa Janowicz	21 anos	1m82
7	Tereza Kepka	24 anos	1m91
8	Mariola Tawlak	22 anos	1m91
9	Irena Linga	25 anos	1m86
10	Malgorzapa Kozera	22 anos	1m86
11	Grazyna Feweryn	24 anos	1m85
12	Bozena Sedzicka	26 anos	1m86
13	Malgorzapa Niemiel	20 anos	1m70
14	Malgorzapa Wolujewicz	20 anos	1m82
15	Halina Iwaniec	30 anos	1m70

CHINA

A honra de representar o continente asiático numa competição do nível de um campeonato mundial feminino de basquete surge agora, pela primeira vez, para a China. Com uma vida esportiva construída bem recentemente - sobretudo a nível internacional - a seleção de basquete feminino da China foi invariavelmente superada pelas do Japão e da Coreia, as duas mais tradicionais forças da Ásia. Ainda assim, comprovando sua evolução, a China conquistou o título de campeã asiática em 76 e, nas duas competições seguintes - 78 e 80 - ficou de posse do vice-campeonato. Pela inexperiência, as perspectivas em torno de sua participação não são as mais animadoras, mas é inegável que é esta a melhor chance que as chinesas já tiveram para dar um novo passo em sua evolução.

Chefe da delegação: Zhan Junhan

Técnico principal: Yan Boy Ong

Assistente técnico: Wang Lifa

4	Shen Yuefang	20 anos	2m08
5	Ba Yan	21 anos	1m82
6	Liu Min	23 anos	1m78
7	Song Xiabo (capitã)	24 anos	1m82
8	Qiu Chen	20 anos	1m82
9	You Shumin	23 anos	1m80
10	Xiu Lijuan	25 anos	1m83
11	Zheng Haixia	16 anos	2m00
12	Xian Liging	23 anos	1m70
13	Zhang Hui	23 anos	1m70
14	Liu Qing	18 anos	1m89
15	Zhang Yueqin	22 anos	1m78

UNIÃO SOVIÉTICA

O basquete feminino mundial pode ser dividido em dois grupos: um, a União Soviética; no outro, os demais países. Afinal, o retrospecto internacional das russas é simplesmente inacreditável. Nos Jogos Olímpicos, conquistaram as duas medalhas de ouro já disputadas; e nos Campeonatos Mundiais, têm 5 títulos (um foi perdido para os Estados Unidos, em 57, ficando vice-campeão e no primeiro, em 53, não participou).

Em termos europeus, a hegemonia é absoluta, com 16 medalhas de ouro nos 17 torneios realizados, só não vencendo em 58, quando a Bulgária conquistou seu único campeonato (mesmo assim, as russas foram vice). Um currículo invejável e que coloca a União Soviética como favorita absoluta também para este Mundial.

Chefe da delegação: Krynin Viecheslav

Técnica principal: Lida Alekseeva

Assistente técnica: Vadim Kopránov

Médica: Polina Sudakova

Massagista: Eugênio Bocharnikov

Árbitro da FIBA: Yuri Apolonov

4	Ramune Shidlauskaite	22 anos	1m70
5	Olga Korosteleva	26 anos	1m70
6	Olesia Barel	23 anos	1m90
7	Tatiana Beloshapka	25 anos	1m88
8	Olga Buriatina	25 anos	1m75
9	Nadejda Okhova	30 anos	1m76
10	Uliana Semanova	30 anos	2m10
11	Ludmila Muravieva	23 anos	1m70
12	Elena Chaussova	25 anos	1m84
13	Olga Sukharnova	27 anos	1m92
14	Vida Besselene	26 anos	1m92
15	Galina Savitskaia	22 anos	1m86

ZAIRE

Uma das grandes novidades neste 9º Campeonato Mundial Feminino será a presença do campeão africano, o Zaire. Sem qualquer tradição no esporte internacional, a seleção feminina daquele país sequer teve expressão nos campeonatos africanos, com uma única participação nos oito torneios realizados (exatamente em 81, quando obteve o título). Os maiores destaques do continente sempre ficaram entre Senegal, Egito e até Madagascar.

No setor masculino, a equipe nacional do Zaire teve presença mais constante nos campeonatos africanos, inaugurados em 69, mas nunca passou do quarto lugar. A presença no primeiro Mundial significará o mais importante intercâmbio já conseguido por seu basquetebol.

CHEFE DA DELEGAÇÃO: Mabusa Eseka
DELEGADO: Mbaki Tanzi
TÉCNICO PRINCIPAL: N' goie Wa Ngoie's

ASSISTENTE TÉCNICO: Bwana Banongo Ekuile
ÁRBITRO FIBA: Boyinke Ebene

4 Longanza Kamimbaya	1m78
5 Evoloko Bokele	1m73
6 Bofanda Lomboto	1m79
7 Mdombe Kiangebene	1m79
8 Komichelo Kayumba	1m65
9 Ligenga Iyoko	1m79
10 Tumbe Agbasing	1m71
11 Nguya Nakwete	1m88
12 Kamanga Kasala	1m73
13 Bompoko Lomboto	1m78
14 Bakununu Mpanzu	1m62
15 Djema Bokonda	1m79

CANADÁ

O basquetebol feminino do Canadá, ao contrário do masculino, com larga experiência internacional, teve sua primeira participação num Campeonato Mundial em 1971, em São Paulo. Entre os treze participantes as canadenses terminaram apenas no 10º lugar. Quatro anos depois, na Colômbia, a situação não se modificou: o antepenúltimo, com 13 concorrentes.

Nas Olimpíadas de 76, dentro de Montreal, o Canadá só obteve a sexta colocação graças ao seu ingresso direto na fase final, onde não ganhou nenhuma partida e terminou em último. Finalmente, no Mundial de 79, sem os socialistas, um triplice empate em 1º lugar com EUA e Coréia, ficando com a medalha de bronze no saldo "average"

CHEFE DA DELEGAÇÃO: Alex Carre
TÉCNICO PRINCIPAL: Don McCrae
ASSISTENTE TÉCNICO: Michelle Belanger

MANAGER: Pat Boland
PREPARADOR FÍSICO: Carole Keyes

4 Tracie Macara	22 anos	1m80
5 Carol Turney - Loos	28 anos	1m73
6 Anna Pendergast	22 anos	1m80
7 Debbie Huband	26 anos	1m73
8 Carole Jane Sealey	24 anos	1m80
9 Alison Lang	22 anos	1m90
10 Heidi Bauer	20 anos	1m82
11 Sylvia Sweeney	26 anos	1m83
12 Candace Lohr	24 anos	1m83
13 Toni Kordic	19 anos	1m88
14 Andrea Blackewell	24 anos	1m85
15 Wendy Werrencchia	23 anos	1m83

AUSTRÁLIA

O setor mundial provavelmente com menor desenvolvimento técnico, em termos de basquete feminino, certamente está na Oceania. Basta ver que, nos campeonatos regionais, apenas dois países disputam o título: Austrália e Nova Zelândia. A soberania australiana é total, conquistando os três torneios realizados, no sistema de três partidas (com vitórias em todas elas).

Isso, ao menos, permitiu a presença da Austrália em cinco dos oito Mundiais realizados. A melhor colocação foi em 79, em Seul, graças ao boicote de vários países, onde terminou em 4º lugar, com vitórias sobre a França, Japão e Itália. E há de se considerar a excelente atuação contra a Coreia, vice-campeã, numa derrota por apenas quatro pontos.

Chefe da delegação: Roberto Staunton
Técnico principal: Brendan Flynn
Assistente técnico: Kay McFarlane

Administradora: Joy Kerr
Árbitro FIBA: Eddie Crouch

4	Robyn Maher	23 anos	1m78
5	Bronwyn Marshall	19 anos	1m83
6	Patricia Cockrem	22 anos	1m70
7	Jenny Cheesman	25 anos	1m70
8	Karen Ogden	26 anos	1m83
9	Patricia Mickan	26 anos	1m78
10	Julie Nykiel	24 anos	1m83
11	Kathy Foster	23 anos	1m78
12	Karin Fields	29 anos	1m73
13	Sharon Deacon	25 anos	1m78
14	Wendy Laidlaw	24 anos	1m75
15	Karen Dalton	22 anos	1m82

IUGOSLÁVIA

A rigor, a seleção iugoslava feminina só passou a ter uma presença de maior destaque no basquete europeu nos últimos cinco anos, quando chegou à medalha de prata no campeonato continental em 78 (superando Polônia e Bulgária) e à de bronze em 80. Resultados expressivos que culminaram com o 3º lugar nos Jogos Olímpicos de Moscou, o que lhe deu a oportunidade de disputar o quarto Mundial de sua história. Nos anteriores, o sucesso não foi grande: 4º em 59 (boicotado pelos não socialistas) e 6º em 64 e 67.

Curiosamente, a equipe iugoslava traz ao Brasil uma futura recordista mundial: Biljana Majstorovic, de 1m90, que já completou 129 partidas por seu país, apenas aos 23 anos de idade.

Chefe da delegação: Svetozar Vuletic
Técnico principal: Milan Vasojevic
Assistente técnico: Aleksandar Stanimirovic

Médico: Mugosa Miomir
Árbitro FIBA: Radoslav Petrovic

4	Slavica Suka	23 anos	1m74
5	Jelica Komenovic	23 anos	1m80
6	Snezana Boninovic (capitã)	19 anos	1m73
7	Olivera Cangalovic	23 anos	1m88
8	Olivera Krivokapic	21 anos	1m82
9	Stojna Vangelovska	19 anos	1m72
10	Sladjana Golic	23 anos	1m88
11	Polona Dornik	20 anos	1m96
12	Biljana Majstorovic	23 anos	1m90
13	Jasmina Perazic	22 anos	1m84
14	Cvetana Dekleva	20 anos	1m80
15	Marija Uzelac	25 anos	1m88

ATÉ HOJE, OITO MUNDIAIS. CADA UM COM SUA HISTÓRIA.

Até agora, oito Campeonatos Mundiais Femininos foram realizados. E apenas dois países ficaram com todos os títulos: a União Soviética, por cinco vezes, e os Estados Unidos, com três. O Brasil, que já sediou dois deles e parte agora para o terceiro, apresenta um bom retrospecto nestes 30 anos de confronto entre as maiores forças do esporte. Já conquistamos um 3º lugar (71), dois quartos lugares (53 e 57) e um quinto lugar (64) e deixamos apenas de participar do Mundial de 1959, em Moscou, na União Soviética.

Veja aqui a presença brasileira e os principais classificados de todos os Mundiais já realizados.

I CAMPEONATO MUNDIAL FEMININO DE BASQUETEBOL

Santiago (Chile) - de 7 a 22 de março de 1953

Brasil 50 x 31 Cuba
Brasil 40 x 36 Argentina
Brasil 37 x 49 França
Brasil 18 x 25 Chile
Brasil 40 x 37 Paraguai

Classificação
1º) Estados Unidos
2º) Chile
3º) França
4º) Brasil

Total de participantes: 10 países

II CAMPEONATO MUNDIAL FEMININO DE BASQUETEBOL

Rio de Janeiro (Brasil) - de 13 a 26 de outubro de 1957

Brasil 48 x 46 Paraguai
Brasil 44 x 67 Estados Unidos
Brasil 66 x 64 Chile
Brasil 44 x 56 União Soviética
Brasil 52 x 49 Hungria
Brasil 70 x 83 Checoslováquia

Classificação
1º) Estados Unidos
2º) União Soviética
3º) Checoslováquia
4º) Brasil

III CAMPEONATO MUNDIAL FEMININO DE BASQUETEBOL

Moscou (União Soviética) - de 10 a 18 de outubro de 1959

1º) União Soviética
2º) Bulgária
3º) Checoslováquia
O Brasil não participou

IV CAMPEONATO MUNDIAL FEMININO DE BASQUETEBOL

Lima (Peru) - de 18 de abril a 4 de maio de 1964

Fase classificatória

Brasil 78 x 47 Chile
Brasil 80 x 50 Japão
Brasil 50 x 80 União Soviética

Classificação

1º) União Soviética
2º) Checoslováquia
3º) Bulgária
5º) Brasil

Fase final

Brasil 47 x 70 União Soviética
Brasil 66 x 52 Iugoslávia
Brasil 43 x 51 Estados Unidos
Brasil 49 x 60 Bulgária
Brasil 95 x 36 Peru
Brasil 41 x 69 Checoslováquia

Total de participantes: 13 países

V CAMPEONATO MUNDIAL FEMININO DE BASQUETEBOL

Praga (Checoslováquia) - de 15 a 22 de abril de 1967

Fase classificatória

Brasil 63 x 67 Japão
Brasil 56 x 65 Bulgária
Brasil 59 x 60 Alemanha Oriental

Classificação

1º) União Soviética
2º) Coréia
3º) Checoslováquia
8º) Brasil

Torneio de consolação

Brasil 56 x 44 Estados Unidos
Brasil 60 x 50 Itália
Brasil 74 x 59 Austrália

Total de participantes: 11 países

VI CAMPEONATO MUNDIAL FEMININO DE BASQUETE

São Paulo (Brasil) - de 15 a 29 de maio de 1971

Brasil 55 x 51 França
Brasil 70 x 63 Coréia
Brasil 77 x 76 Japão
Brasil 62 x 59 Cuba
Brasil 59 x 68 Checoslováquia
Brasil 49 x 82 União Soviética

Classificação
1º) União Soviética
2º) Checoslováquia
3º) Brasil

Total de participantes: 13 países

VII CAMPEONATO MUNDIAL FEMININO DE BASQUETEBOL

Cali (Colômbia) - de 23 de setembro a 4 de outubro de 1975

Fase classificatória

Brasil 59 x 80 Itália
Brasil 87 x 48 Senegal
Brasil 62 x 80 Coréia

Classificação

1º) União Soviética
2º) Japão
3º) Checoslováquia
12º) Brasil

Torneio de consolação

Brasil 93 x 83 Canadá
Brasil 65 x 82 Austrália
Brasil 72 x 104 Estados Unidos
Brasil 51 x 76 Hungria

Total de participantes: 13 países

VIII CAMPEONATO MUNDIAL FEMININO DE BASQUETEBOL

Seul (Coréia) - de 29 de abril a 13 de maio de 1979

Fase classificatória

Brasil 64 x 76 França
Brasil 57 x 55 Japão
Brasil 98 x 57 Senegal

Classificação

1º) Estados Unidos
2º) Coréia
3º) Canadá
9º) Brasil

Torneio de consolação

Brasil 98 x 53 Bolívia
Brasil 104 x 66 Malásia
Brasil 73 x 82 Holanda

Total de participantes: 12 países

A PARTICIPAÇÃO DE TODAS AS SELEÇÕES

	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII									
Argentina	6	9	13	—	11	—	—	—	Hungria	—	5	7	—	—	—	9	—
Polónia	—	—	5	—	—	—	—	—	Bulgária	—	—	2	3	7	—	—	—
Estados Unidos	1	1	—	4	11	8	8	1	Alemanha Oriental	—	—	—	—	4	—	—	—
Iugoslávia	—	—	4	6	6	—	—	—	Paraguai	5	6	—	12	—	—	—	—
Chile	2	7	—	1	—	—	—	—	Equador	—	—	—	—	—	12	—	—
Itália	—	—	—	—	9	—	4	5	México	8	8	—	—	—	—	6	—
BRASIL	4	4	—	5	8	3	12	9	Suica	9	—	—	—	—	—	—	—
Malásia	—	—	—	—	—	—	—	11	Romênia	—	—	6	—	—	—	—	—
União Soviética	—	2	1	1	1	1	—	—	Cuba	10	12	—	12	7	—	—	—
Senegal	—	—	—	—	—	13	12	—	Austrália	—	10	—	10	9	10	4	—
França	3	—	—	10	—	6	7	—	Coréia do Sul	—	—	8	8	2	4	5	2
Colômbia	—	—	—	—	—	—	7	—	Japão	—	—	—	9	5	5	2	6
Peru	7	11	—	7	—	—	—	—	Canadá	—	—	—	—	—	10	11	3
Bolívia	—	—	—	—	—	—	—	10	Madagascar	—	—	—	—	—	—	13	—
Checoslováquia	—	3	3	2	3	2	3	—	Holanda	—	—	—	—	—	—	—	—

Simone volta à quadra (para ser homenageada)

Quando a seleção brasileira entrar na quadra do Ibirapuera para a solenidade de abertura da fase final do IX Campeonato Mundial, ao lado de Hortência, Paula, Suzete, Vanda, Marta e Vânia estará a cantora Simone. Estranho? Nada disso. Se hoje Simone é conhecida em grande parte do mundo como uma cantora brilhante, há algum tempo ela mostrava seu talento na quadra, bola de basquetebol na mão, pronta para a bandeja ou "tapinha" bem dado.



Aos 20 anos, camisa da seleção brasileira, no Mundial de 71.

A baiana Simone Bitencourt de Oliveira, hoje com 32 anos, começou sua vida de esportista ainda em Salvador, na piscina. Entre a natação e o basquete, no entanto, preferiu o segundo, mais emocionante, coletivo, mas afeito ao seu jeito. Boa estatura, pivô de excelente potencial, Simone era "conquistada" pelo basquete paulista, em 66. Jogando no EC São Caetano, preencheu o resto do tempo com as agradáveis aulas da Faculdade de Educação Física de Santos. Na quadra, seu jogo foi sendo aperfeiçoado aos poucos, até chegar ao ponto de leva-la à seleção brasileira, do então treinador Valdir Pagan Peres.

Durante a fase final da preparação do Mundial de 71, Simone foi cortada do grupo das 12 jogadoras inscritas



Longe das quadras, estrela no palco: a música sempre foi a sua grande paixão - como o basquete.

para a competição. Mas ao lado da companheira Cleonice, ficou integrada à delegação, participando de todas as atividades da seleção. E a capricorniana Simone, com uma grande vantagem: sua presença era vista com alegria pelo grupo, pois, dona de uma voz muito bonita, afinação perfeita e grande talento para a música, ela ajudava a quebrar a monotonia e ansiedade das concentrações em vésperas de grandes jogos.

Após o Mundial, Simone foi deixando o basquete de lado, embora ainda tivesse se dedicado a dar aulas à pequenas jogadoras. Em 1973, porém, o basquete brasileiro perdia Simone de uma vez por todas, para a Música Popular Brasileira. Naquele ano, depois de descoberta em uma festa na casa de amigos, a ex-jogadora Simone era lançada oficialmente no mundo do disco. Para encantar o mundo, como se fizesse uma cesta decisiva e emocionante.

Hoje, doze anos depois, Simone volta a uma quadra de basquete, agora como madrinha da seleção brasileira. E entre as muitas homenagens, ela receberá um uniforme completo feito especialmente para ela e ganhará também o seu prêmio de 71, até então guardado na sede da F.P.B.



A.C. AUTOMÓVEIS

CARROS NOVOS E USADOS

A.C. AUTOMÓVEIS:

*Cumprimenta a C.B.B. e F.P.B. pela magnífica
realização do IX Campeonato Mundial Feminino de Basquetebol*

AVENIDA ADOLFO PINHEIRO, 1166 - FONES: 246-6077 - 246-6280

SANTO AMARO - SÃO PAULO

O BASQUETE E O GOSTO DE DECIDIR

(POR ARTUR DA TÁVOLA)

“ Nem a cesta (penetração num objetivo apertado, difícil, hostil diminuto) permite a comemoração orgástica. Feita, é voltar correndo para mais ação, mais ação, mais ação, até o fim.”

Sem dúvida, o basquete é um esporte de larga aceitação popular, capaz de levar ao delírio milhares de pessoas. Este interesse cresceu pouco a pouco, à medida em que, no Brasil, foi ganhando nome, projeção, tomando corpo. Como um grupo de jogadores que se integram para obter um objetivo: a vitória.

Dos sucessos de nossas seleções dependeram a continuidade do desenvolvimento e da afirmação do basquete, até ganhar o espaço que hoje ocupa no gosto popular, especialmente por exigir atletas de elevado nível técnico, dentro de uma atraente movimentação tática.

Sobre estes elementos que se ligam para constituir o esporte, o jornalista e escritor Artur da Távola escreveu uma interessante e original crônica no jornal carioca "O Globo". Um trabalho que, além de definidor, traça um paralelo do basquete com a sociedade industrial que, como o esporte, também surgiu no século vinte e que busca um objetivo semelhante: a produção da vitória.

Desta crônica escrita no dia 14 de agosto de 1981 transcrevemos alguns dos trechos que melhor definem o basquete integrado ao cotidiano da sociedade moderna. Como escreve Artur, é uma tentativa de "analisar os elementos simbólicos diluídos no basquete."

"O basquete é o esporte mais expressivo das pugnas típicas das sociedades industriais, dos grandes aglomerados humanos do século vinte, do tipo de vida e de esforço necessário à sobrevivência em sociedades altamente competitivas.

O que caracteriza a vida nas sociedades competitivas? Luta, sempre. Nenhum descanso. Atividade doentia. Nenhum esporte coletivo exige tanta mobilização (permanente e conjunta) da equipe. No basquete ninguém pára. Jamais. No futebol a defesa descansa enquanto o ataque se esfalfa. E vice-versa. Há hiatos, paradas, pausas. Idem no vôlei. Basquete não. Os cinco correm e jogam com ou sem bola. O tempo todo. E infrene.

A hiper-atividade do basquete traz o traço central constitutivo das sociedades industriais. A necessidade de produzir e a corrida pelo progresso material não param, jamais, a pretexto de nada.

O basquete é o talvez mais tenso dos jogos.

Esta tensão é responsável pela presença permanente da briga corporal.

Tenso, porque o resultado pode de repente mudar por vacilação, cansaço ou súbita perda de tônus da equipe. Um bom desempenho não basta. É preciso, ademais, saber ganhar. A falência é ameaça. Na sociedade industrial os sistemas esmeraram-se em ter homens tensos, trabalhando por pressão sem poder falhar. Os erros são imperdoáveis porque fatais.

Tenso, porque os territórios não são respeitados (tênis, vôlei, ping-pong atacam o adversário do próprio território). Como o futebol, basquete é um jogo de invasão.

Basquete é, portanto, mobilização total das forças e aguerrimento permanente. Não tem tempo para beleza ou poesia. Beleza utilitária, sim, decorrente de alguma jogada que, por dar certo enganando as resistências, mereça aplauso. É um jogo que não permite contemplação: é ação permanente, vigilância, tática, fôlego. É um jogo pragmático, portanto como a sociedade competitiva, que atrai temperamentos práticos, objetivos, pessoas de ação ou que gostem de missões secretas ou estratégicas.

Essa característica tensa, imediatista, estratégica e super objetiva do basquete leva a sua prática pessoas que por natureza ou profissão tenham uma inteligência prática, lógica e gostem de decidir. Não é um jogo dialético, metafísico, poético ou político. É pragmático, de ação, de decisão, implacável com quem vacila ou não está preparado.

Mobilizar, eis sua regra. Exigir, eis sua ética. Lutar sempre na tentativa de vencer o adversário menos aguerrido, eis sua mecânica.

Nem a cesta (penetração num objetivo apertado, difícil, hostil, diminuto) permite a comemoração orgástica. Feita, é voltar correndo para mais ação, mais ação, mais ação, até o fim. Nada de efusões, delírios de prazer, alegria, comemoração, euforia pela posse do apertado e cobizado canal cesta. No final, sim, comemorar. Prazer durante o trabalho? Jamais! Perturba a produção....."

Esta revista foi elaborada pelo Departamento de Imprensa de Comunicações Nicolini para a CBB. Edição: Nelson Nunes e Geraldo José da Silveira. Textos: José Nilton Dalcim, Maria Aparecida S. Silveira e Nelson Nunes. Comunicação: Yukishigue Kimura e Válder Nunes.

COMPOSIÇÃO GRÁFICA. FOTOLITOS e IMPRESSÃO.
EDITORA E ARTES GRÁFICAS A AMERICANA LTDA.

Rua Visconde de Parnaíba, 1127 - Brás - SP.

TIRAGEM: 10.000 Exemplares

AUTÓGRAFOS

Bauk

Suzete 13

10
10

Alfredo
Macedo

MARTIN
* 11

Jarda
* 15

Hiliana
4

Josefina Roberto
Rosa Jirica

Luiza
9

Paula

Annia
6

Estrella
massagista
Janina
12

Paula
8

Paula
Marta
Marta

Christina 14

Dr. Maria Kécovics
médica

Jolana
E

O MELHOR DO ESPORTE ESTÁ NA GLOBO



GLOBO

ESPORTE

De segunda
a sábado,
às 12:40 horas





Algumas Estatísticas

Site FIBA:

<http://archive.fiba.com/pages/eng/fa/event/p/sid/2925/history.html>

Participantes

América	Europa	Ásia	Oceania	África
Estados Unidos	União Soviética	Coreia do Sul	Austrália	Zaire
Brasil	Bulgária	Japão		
Cuba	Polónia	China		
Canadá	Iugoslávia			
Peru				

Fase de Classificação (9º-14º lugar)

O resultado da partida entre duas equipes de uma mesmo grupo preliminar (A, B, C) é levado em conta.

Fase Preliminar

Os dois primeiros de cada grupo, além do Brasil, país organizador, e dos Estados Unidos, defensores do título, classificaram-se à fase final. Os dois primeiros dessa fase disputaram o título, enquanto o terceiro e o quarto disputaram o bronze.

Grupo A (Brasília)							
Equipe	Pts	V	D	PP	PC	SP	
Coreia do Sul	6	3	0				Cuba 67 77 Coreia do Sul
Bulgária	5	2	1				Peru 44 90 Bulgária
Cuba	4	1	3				Cuba 60 76 Bulgária
Peru	3	0	3				Peru 49 89 Coreia do Sul
							Cuba 92 55 Peru
							Bulgária 55 59 Coreia do Sul
Grupo B (Rio de Janeiro)							
Equipe	Pts	V	D	PP	PC	SP	
Polónia	6	3	0				Austrália 66 73 Polónia
Iugoslávia	5	2	1				Iugoslávia 90 58 Japão
Austrália	4	1	2				Austrália 84 58 Japão
Japão	3	0	3				Polónia 58 50 Iugoslávia
							Austrália 71 87 Iugoslávia
							Japão 60 73 Polónia
Grupo C (Porto Alegre)							
Equipe	Pts	V	D	PP	PC	SP	
União Soviética	6	3	0				China 74 66 Canadá
China	5	2	1				União Soviética 117 40 Zaire
Canadá	4	1	2				China 90 47 Zaire
Zaire	3	0	3				Canadá 62 85 União Soviética
							China 64 85 União Soviética
							Canadá 73 46 Zaire

Legenda: Pts : número de pontos (a vitória vale 2 pontos, a derrota 1), V : número de vitórias, D : número de derrotas, PP : número de pontos pró, PC : número de pontos contra, SP : saldo de pontos.

Fase de Classificação (9º-14º lugar)

O resultado da partida entre duas equipes de uma mesmo grupo preliminar (A, B, C) é levado em conta.

Equipe	Pts	V	D	PP	PC	SP
1 Canadá	10	5	0			
2 Cuba	9	4	1			
3 Austrália	8	3	2			
4 Japão	7	2	3			
5 Peru	6	1	4			
6 Zaire	5	0	5			

Zaire	58	74	Peru
Austrália	53	56	Canadá
Cuba	85	67	Japão
Peru	66	92	Austrália
Cuba	93	52	Zaire
Japão	52	71	Canadá
Zaire	63	86	Austrália
Japão	67	54	Peru
Cuba	72	73	Canadá
Canadá	58	32	Peru
Japão	56	48	Zaire
Cuba	76	63	Austrália

Fase Final (1º-8º lugar)

O resultado da partida entre duas equipes de uma mesmo grupo preliminar (A, B, C) é levado em conta.


1 União Soviética	14	7	0
2 Estados Unidos	13	6	1
3 China	10	3	4
4 Coreia do Sul	10	3	4
5 Brasil	10	3	4
6 Bulgária	10	3	4
7 Polônia	9	2	5
8 Iugoslávia	8	1	6

Estados Unidos	101(84)	91(84)	China
Polônia	44	70	União Soviética
Brasil	74	60	Iugoslávia
Coreia do Sul	70	62	Polônia
Estados Unidos	92	49	Iugoslávia
Brasil	81	78	Bulgária
Brasil	71	72	China
Bulgária	71	57	Polônia
Estados Unidos	84	85	União Soviética
União Soviética	94	63	Bulgária
Iugoslávia	58	76	China
Brasil	79	80	Coreia do Sul
Estados Unidos	82	63	Polônia
União Soviética	95	54	Coreia do Sul
China	64	73	Bulgária
Iugoslávia	64	98	União Soviética
Coreia do Sul	69(61)	72(61)	China
Brasil	78	109	Estados Unidos
Bulgária	78	73	Iugoslávia
Estados Unidos	82	66	Coreia do Sul
Brasil	84	72	Polônia
Iugoslávia	70	57	Coreia do Sul
Estados Unidos	99	77	Bulgária
China	75	83	Polônia
Brasil	75	99	União Soviética

Terceiro Lugar

 **China 71-63**  **Coreia do Sul**

Final

 **União Soviética 84 X 82**  **Estados Unidos**

Classificação Final

Posição	Equipe
 1	 União Soviética
 2	 Estados Unidos
 3	 China
4	 Coreia do Sul
5	 Brasil
6	 Bulgária
7	 Polônia
8	 Iugoslávia
9	 Canadá
10	 Cuba
11	 Austrália
12	 Japão
13	 Peru
14	 Zaire

Site FIBA:

<http://archive.fiba.com/pages/eng/fa/event/p/sid/2925/history.html>

Cestinha

Hortência de Fatima Marcari (BRA)

Agradecimentos:

Professor Dante De Rose pela doação do material.
André Luiz Villela Costa pesquisa e digitalização

Colaboradores:

Andre Luiz Villela Costa
Rubens Cavalcante Junior
Dante De Rose

Apoio institucional

